

**Universidade de Évora - Escola de Artes**

Mestrado Integrado em Arquitetura

Dissertação

**Do Terroir ao Genius Loci : Calvos - Arcos de Valdevez**

Tadeu Joel Pinto Carvalho

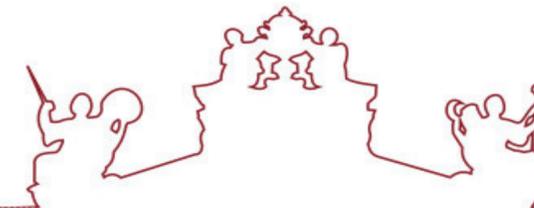
Orientador(es) | Daniel Nicolas Ferrera

Évora 2020

---

---

---



**Universidade de Évora - Escola de Artes**

Mestrado Integrado em Arquitetura

Dissertação

**Do Terroir ao Genius Loci : Calvos - Arcos de Valdevez**

Tadeu Joel Pinto Carvalho

Orientador(es) | Daniel Nicolas Ferrera

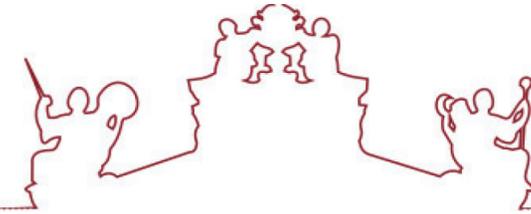
Évora 2020

---

---

---

---



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Artes:

Presidente | João Rocha (Universidade de Évora)

Vogais | Daniel Nicolas Ferrera (Universidade de Évora) (Orientador)  
João Gabriel Soares (Universidade de Évora) (Arguente)

**AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais e irmão

Ao Arquitecto Daniel Jiménez

MENSAGEM

*Vinde à terra do vinho, deuses novos!  
Vinde, porque é de mosto  
O sorriso dos deuses e dos povos  
Quando a verdade lhes deslumbra o rosto.*

*Houve Olimpos onde houver mar e montes.  
Onde a flor da amargura deu perfume.  
Onde a concha da mão tirou das fontes  
Uma frescura que sabia a lume.*

*Vinde, amados senhores da juventude!  
Tendes aqui o louro da virtude,  
A oliveira da paz e o lírio agreste...*

*E carvalhos, e velhos castanheiros,  
A cuja sombra um dormir celestial  
Pode tornar os sonhos verdadeiros.*

MIGUEL TORGA

## 00

-	Resumo / Abstract .....	12
-	Objectivos.....	14
-	Motivações e Metodologia.....	15
-	Estado da Arte.....	16
-	Introdução.....	18
-	TERRÓIR.....	20
-	GENIUS LOCI.....	22

## 01. MINHO TERRITÓRIO E PAISAGEM

1.1 - O Minho.....	26
1.02 - Mosaico agrícola.....	28
1.03 - Arquitectura Vernácula.....	30
1.04 - Análise descritiva	
Análise Topográfica.....	32
Análise de ocupação dos solos.....	34
Análise geológica.....	36
Análise hídrica .....	38
Análise Arquitectónica.....	40
Análise climatológica.....	42
Análise de Fruteiras .....	44
Análise Florestal .....	46
Análise dos Cultivos .....	48
Análise das Castas .....	50

## 02. A CULTURA DO VINHO- EVOLUÇÃO TEMPORAL

2.1 - A Cultura do vinho.....	54
Individualismo vs Cooperativismo	
2.02- Cronograma temporal.....	56
2.03- Análise Climatológica Global.....	58

## 03. PAISAGEM EM TRANSFORMAÇÃO

3.01 - Paigem transformada.....	62
3.02- Cultivo da vinha .....	64
3.03- Cultivo Intensivo.....	66
3.04 - Cronograma temporal do vinho .....	68

## 04. CALVOS

5.01- O Lugar	
Calvos .....	70
Fotografia aérea.....	74
Ortofotomapa.....	76
Metamorfose Territorial .....	78
Planta escala 1/2000 .....	80
Fotografia do local.....	82
3 Ruínas em Calvos.....	84
Limites Difusos.....	88
Ortofotomapa do Lugar.....	90
O Lugar.....	92
Arquitectura e Natureza.....	94
5.02- Projecto	
Estratégia.....	96
Planta proposta .....	98
Planta interiores .....	100
Corte Geral.....	102
Memória e Leveza.....	104
Plantas, Cortes, Fotomontagens.....	106
Cor e Luz.....	112
Plantas, Cortes, Fotomontagens.....	114
Pormenor Construtivo.....	126
5.03- Diagrama Solar.....	128-133

## 05.

- Considerações Finais .....	134
- Bibliografia.....	138
- Índice de Fotografias.....	140

## 1. RESUMO

A presente dissertação assenta no estudo intensivo da região do Minho, e do processo de transformação das paisagens vitivinícolas e as suas Arquitecturas de apoio.

Como consequência desta nova realidade as construções de apoio aos cultivos praticados na região, acabaram por perder parte da sua função, ficando gradualmente em ruína.

A relação Casa / Cultivo sempre teve um contributo importante para subsistência da população, formando ao longo do tempo um conjunto de características únicas criadas pela necessidade de adaptação constante.

Com a introdução da tecnologia na preparação dos terrenos e posterior plantação de um cultivo, a rapidez de execução dos trabalhos, levou a que princípios culturais essenciais ao panorama agrícola atual, ficassem esquecidos.

Calvos lugar com um passado histórico ligado ao cultivo da vinha, atualmente tem vindo a sofrer alterações profundas para responder às necessidades do trabalho feito pela mecanização.

A existência de um conjunto de três ruínas esquecidas pela intensa vegetação remete-nos para um problema atual.

O projecto pretende reactivar a essência do lugar com a criação de um conjunto de espaços diferentes com a utilização de diferentes mecanismos (Arquitectura, cor, Luz, memória, leveza) e principalmente a utilização da Natureza enquanto elemento de valorização do conjunto.

## ABSTRACT

### **From Terroir to Genius Loci : Calvos - Arcos de Valdevez**

The following dissertation is based on the comprehensive study of the Minho region, and the transformation process of the wine producing landscapes and their supporting architectures.

As a consequence of this new reality, the structures supporting the cultivation practiced in the region, ended up losing part of their function, gradually leading to their ruin.

The relationship between the House and the Farmland has always made an important contribution to the population's livelihood, forming over time a set of unique characteristics created by the need for constant adaptation.

With the introduction of technology in the preparation of the land and the subsequent planting of a crop, the speed of execution of the work, has meant that cultural principles essential to the current agricultural landscape, have been forgotten.

Calvos, a place with a historical past linked to the cultivation of vines, has currently undergone profound changes to answer to the needs of the work done by mechanization. The existence of a set of three ruins forgotten by the intense vegetation leads us to a current problem.

Each project intends to re-establish the essence of the place with the creation of a set of spaces using different mechanisms (Architecture, color, light, memory, lightness) and mainly the use of Nature as an element of valorization of the whole.

## 2. OBJECTIVOS

O objetivo deste trabalho, passa por evocar à sensibilidade e valorização do património histórico do lugar que graças ao esforço de outras gerações tiveram um contributo importante para o que hoje chamamos de Região do Minho.

O Minho sem património Arquitetónico/agrícola perde toda a sua essência, e foi essa herança que contribuiu para o desenvolvimento da região.

Desta forma, sendo um trabalho prático fundamentado teoricamente destaco os seguintes objetivos:

1. Percepção abrangente das características do Minho;
2. Compreender e solucionar a problemática do Lugar;
3. Utilizar diferentes componentes (Arquitectura, natureza, cor, Luz , memória, leveza) para resolução do problema

## 3. MOTIVAÇÕES E METODOLOGIA

O interesse pela temática teve origem em dois factores que considero importantes, residir no Minho e ter noção do panorama actual em que a região se encontra em relação à temática a abordar, e possuir família ligada ao sector vitivinícola mais concretamente à plantação de vinha / produção de vinho.

Aliar o conhecimento enquanto estudante de Arquitectura, com o conhecimento do lugar, e com a experiência pessoal sobre o tema da vitivinicultura, reúne condições para a elaboração de um trabalho mais aprofundado sobre esta temática.

Este trabalho divide-se em cinco momentos, iniciando com um conjunto de análises territoriais permitindo um melhor conhecimento sobre as características do Minho.

Numa segunda fase é feita uma abordagem sobre o cultivo da vinha/ vinho, e a sua importância na região.

Na terceira fase a abordagem sobre o panorama actual da região, nova realidade inerente às novas práticas agrícolas.

E por último, fundamentação teórica que sustenta o exercício de projecto mencionando os casos de estudo que foram analisados.

#### 4. ESTADO DA ARTE

Para a realização da proposta de projecto, realizou-se um estudo composto por diferentes autores com ideologias distintas que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, desde da escala territorial até à escala de projecto.

Inicialmente é abordado as ideologias Christian Norberg - Schulz, na sua leitura sobre o lugar e suas tranformações ao longo do tempo.

Sob a forma de contextualizar o tema da paisagem do Minho, o contributo de Gonçalo Ribeiro Telles foi importante pela sua leitura enquanto Arquitecto Paisagista sobre as marcas culturais que caracterizam a região do Minho.

Numa escala ao nível de projecto Luis Barragan foi a referência principal pela sua sensibilidade pela cor, luz e relação entre o construído e a natureza em redor.

Eduardo Arroyo no projecto da Plaza do Desierto em Barakalo elabora um conjunto de relações entre floresta e espaço de estar, criando uma visão de nostalgia pelas nossas origens.

A memória e a leveza são elemento importante mencionados em projectos de sami Arquitectos e João Luís Carrilho da Graça que ajudaram na criação de um novo ambiente em torno do objecto de estudo.

Por último a contribuição de Toyo Ito com a noção de Limite difuso e as suas potencialidades na Arquitectura actual.

## 5. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objecto de estudo as estruturas rurais de apoio ao cultivo da vinha no Minho, como esta simbiose foi importante para a manutenção de ambos ao longo do tempo e qual a sua importância como marca cultural da região do Minho.

O Minho é o resultado do trabalho do Homem ao longo do tempo, moldando a topografia de forma a criar melhores condições de vida.

Devido a factores como êxodo rural, novos métodos agrícolas, este património cultural atravessa um período de abandono tanto a nível da arquitectura rural como também nas práticas agrícolas. A vinha é um dos cultivos que predominam na paisagem Minhota com as suas vinhas em Latada (vinha na Horizontal) e vinhas de enforcado (vinhas sobre as árvores), estas formas de condução de vinha tem vindo a perder território devido aos custos de manutenção, produção, mas acima de tudo não permite uma mecanização sustentável.

Vive-se desta forma um momento de grande expansão de área de vinha em que a tecnologia é a principal prioridade, razão pela mudança do panorama actual da paisagem do Minho.

Face a esta situação o projecto pretende encontrar uma alternativa para que a memória tanto do cultivo como nas infraestruturas de apoio não se perca .

Calvos, lugar com grande história cultural, com terrenos que pertenciam à antiga nobreza e por essa razão era bem situados e obtiam boas colheitas, encontram-se 3 ruínas de Arquitectura popular Portuguesa, sendo elas designadas como sendo casas de lavoura, e um cultivo intensivo de 15 hectares de vinha preparada para o cultivo intensivo.

Com base na análise do lugar a intervenção ocorre nas ruínas e no espaço que as circunda de forma a valorizar e tirar partido das memórias do seu passado.



fig. 1 CALVOS

Com base na análise do lugar a intervenção ocorre nas ruínas e no espaço que as circunda de forma a valorizar e tirar partido das memórias do seu passado.

## TERROIR

*O Grande Larousse do Vinho tenta explicar:*

"Terroir é uma palavra francesa sem tradução em nenhum outro idioma. Significa a relação mais íntima entre o solo e o micro-clima particular, que concebe o nascimento de um tipo de uva, que expressa livremente a sua qualidade, tipicidade e identidade num grande vinho, sem que ninguém consiga explicar o porquê."

*A OIV – Organização Internacional da Vinha e do Vinho em caráter oficial define:*

"Terroir – conceito que remete a um espaço no qual se desenvolve um conhecimento coletivo das interações entre o ambiente físico e biológico e as práticas enológicas aplicadas, proporcionando características distintas aos produtos originários deste espaço."

*Noção Pessoal*

TERROIR, conjunto de características especiais de um determinado lugar, que interagindo com a genética da planta, expressam, em forma de sabor e aroma.

Ao longo do tempo, o universo vinícola foi se apropriando do conceito, que passou a compreender características específicas referentes à geografia, à geologia e ao clima de um lugar, que interagem com a genética de determinada planta e com o estilo e as tradições de elaboração e vinificação de determinada região.

Sem a ação do homem não há terroir. O fator humano é indiscutivelmente uma variável muito importante na concepção do termo. É um dos seus pilares. O homem tem como função e atributo ajudar a natureza a exprimir suas melhores qualidades para resultar no melhor vinho.

### CLIMA

Pluviosidade, temperatura, vento, nevoeiro

### TERRENO

Inclinações, direção das inclinações e encostas, vales e altitude em relação ao mar.



### SOLO

Minerais presentes, rochas, densidade do solo.

### CULTURA E TRADIÇÃO

Técnicas utilizadas pelas pessoas daquela região ou país, cultura das pessoas envolvidas no cultivo das uvas, técnicas utilizadas pelos responsáveis pela produção dos vinhos e repassadas através dos anos de geração para geração.

fig. 2 Terroir

## GENIUS LOCI

Christian Norberg - Schulz Arquitecto com ideologias em questões referentes à qualidade dos espaços habitados e a aplicação da fenomenologia como método possível para a compreensão e a descrição da arquitetura afirmava que cada lugar possui o seu próprio carácter ou atmosfera que proviria de uma identidade e seria irredutível a uma mera localização geométrica ou geográfica.

Para este autor cada lugar sobre a terra possui um carácter que o identifica como um espírito, uma identidade própria. Sem deixar de parte o conceito de espaço afirma que o espaço é reintroduzido, não tanto com um conceito matemático, mas como dimensão existencial.

Ao escrever sobre o genius loci, Norberg - Schulz enfatiza que “a arquitetura significa visualizar o genius loci, e a tarefa do arquiteto é criar lugares significativos, pelos quais ajuda o homem a habitar”

“Base existencial e habitar são sinónimos, e habitar em um sentido existencial, é o propósito da arquitetura. O homem habita quando pode orientar-se dentro e identificar-se com um ambiente, ou, simplificando, quando experimenta significativamente o ambiente. Habitar, dessa forma, implica em algo mais do que abrigar. Implica que os espaços onde ocorre a vida são lugares, no verdadeiro sentido da palavra. Um lugar é um espaço com uma característica distinta. Desde os tempos arcaicos o genius loci, ou ‘espírito do lugar’, tem sido reconhecido como a realidade concreta que o homem deve encarar e aceitar em sua vida diária. A arquitetura significa visualizar o genius loci, e a tarefa do arquiteto é criar lugares significativos, pelos quais ajuda o homem a habitar” (Norberg-Schulz, 1980)

Norberg-Schulz alerta que a estrutura de um lugar não é um estado fixo eterno, compreende que os lugares mudam, algumas vezes rapidamente isso não significa, entretanto, que o genius loci necessariamente mude ou se perca.

Como então seria essa estabilidade compatível com as dinâmicas da mudança? Em primeiro lugar, vamos indicar que qualquer lugar deve ter a capacidade de receber diferentes conteúdos .(Norberg-Schulz, 1998)

Um lugar que sirva para apenas um propósito particular, cedo irá tornar-se inútil.

Segundo o autor, é evidente que um lugar pode ser interpretado de diferentes formas. Proteger e conservar, de fato, o genius loci significa concretizar e atualizar a sua essência em todos os novos conceitos históricos. Pode-se dizer também que a história de um lugar deve ser a sua realização própria. Um lugar, portanto, compreende propriedades tendo um grau variado de permanências.

Assim, podemos aferir que o lugar é o ponto de partida, num momento inicial o lugar apresenta-se como uma totalidade dada espontaneamente experimentada, e no final aparece como um mundo estruturado e limitado, inspirado pela análise dos aspectos de espaço e de caráter, no qual nos orientamos e apoderamos do ambiente circundante. A plasticidade e imaterialidade de um lugar em si é tão móvel como o próprio tempo, variando com os indivíduos, com os povos, com as épocas e, principalmente, com os pontos de vista e as ideias dominantes.

**"No Minho, diz-se de modo anedótico, há leiras tão pequenas que, se lhes meterem uma vaca a pastar, ela esterca no campo do vizinho; a propriedade tende para a fragmentação."**

Orlando Ribeiro

## MINHO

TERRITÓRIO E PAISAGEM



fig. 3 Vinha do Enforcado

01

## O MINHO

O Norte Atlântico é o “tronco antigo e robusto” da nação, dominado pela abundância de chuvas, pela riqueza da terra e pela vitalidade das populações. É uma região de intensa diversidade.

“Berço onde se embalou a nacionalidade portuguesa, o Minho tem o tabernáculo sagrado das nossas tradições étnicas, subversivo e revolucionário nos momentos das grandes crises nacionais, cultivador da terra na tranquilidade bucólica da paz...”

“Província de entre todas a mais populosa e a mais activa, a mais pitoresca e a mais hospitaleira, seio ubérrimo das tradições que individualizam uma nacionalidade, terra onde a vegetação é luxuriosa” *José Augusto Vieira*

Terra de topografia montanhosa banhada de vegetação entre as encostas e vales, com povoamento disperso sendo o Granito uma marca predominante nas casas pitorescas, associadas sempre a um cultivo que noutros tempos fazia parte do ganha-pão de muitas famílias minhotas. A agricultura sempre marcou a região, desde da introdução do milho que teve grande importância no século passado, moldando topografias e criando arquiteturas de apoio, até à vinha que tem vindo a ter cada vez mais um papel fundamental na economia da região.

As estruturas agrícolas associadas à vinha marcam a identidade desta região, pois muitas delas prevalecem na paisagens imaculadas no tempo.

“A grande originalidade da agricultura mediterrânica consiste, porém, na produção, em larga escala, do vinho e do azeite. A vinha encontra aqui o optimum da sua cultura: o ar seco, a temperatura mais constante durante os meses de maturação do fruto fazem com que ela se defenda melhor dos seus inimigos naturais.”

*RIBEIRO, Orlando - Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico, 1945, 8ª edição, Letra Livre, Lisboa, 2011, p. 38*

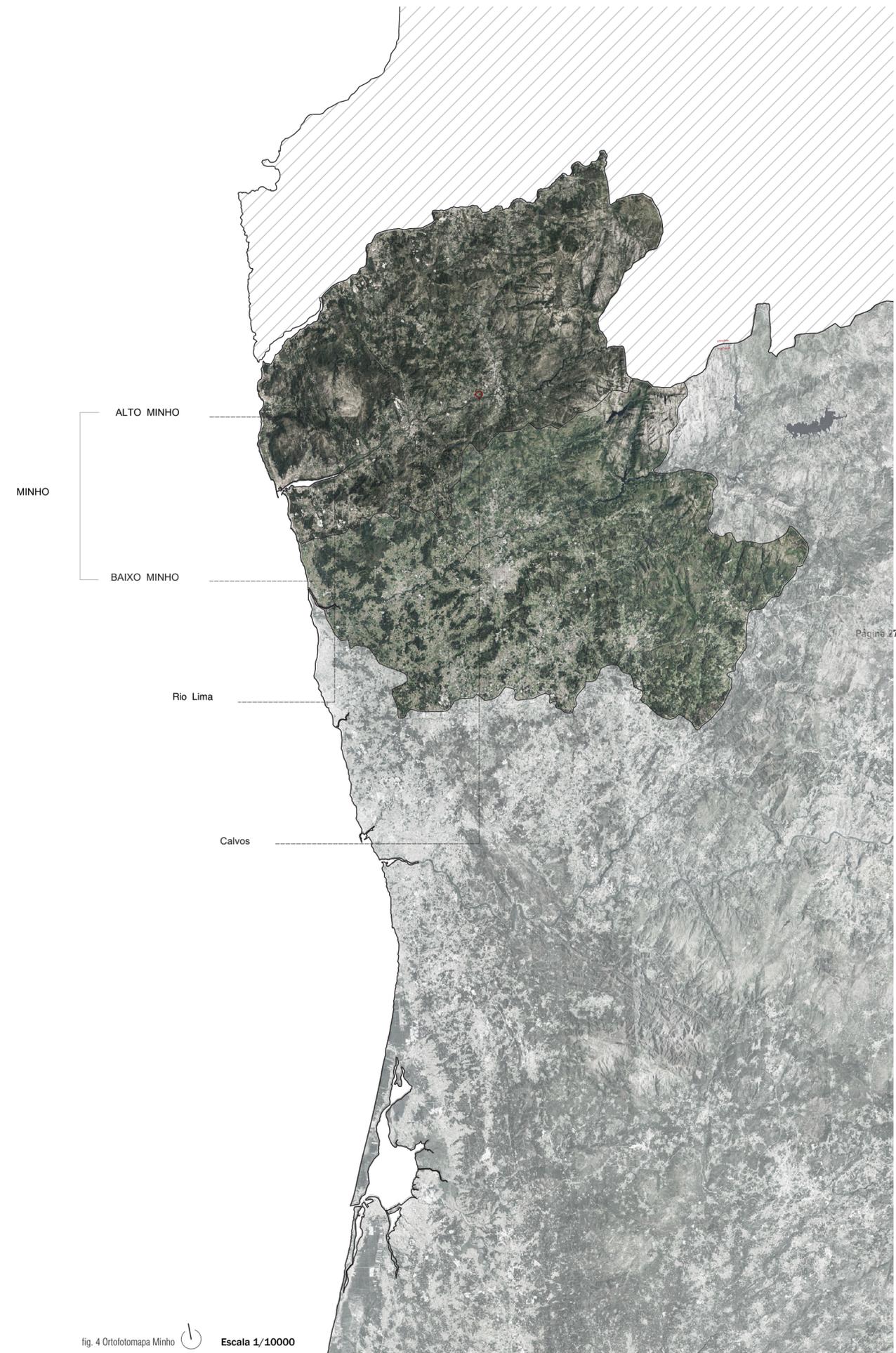


fig. 4 Ortofotomapa Minho  Escala 1/10000

## MOSAICO AGRÍCOLA

Falar de mosaico agrícola do norte de Portugal implica termos uma grande visibilidade do que foi o desenvolvimento humano e de todas as promiscuidades que influenciaram, desde as provindas da natureza como as do próprio homem, levado a evoluir a sua forma de estar e viver com um só objetivo: o bem-estar.

A forma como nasceu a arte de cultivar os campos é tão antiga que não se poderá afirmar que surgiu de uma determinada maneira, a não ser que seria praticada desde dos tempos Neolíticos.

O Homem plantava ou semeava sementes que utilizava na sua alimentação, sabe-se que pelo menos desde o Bronze final, uma época que caracteriza o Noroeste Peninsular e nomeadamente esta zona do Minho, já encontrava a presença de gramíneas, como o trigo, milho-miúdo, painço, centeio e a cevada.

Quando a Romanização começou a dar os primeiros passos na cultura Castreja, surge um tipo de povoados, os castros agrícolas que terão influenciado a deslocação de populações e a sua disseminação de forma a organizar o território e a economia.

Esta descida do cimo dos montes e montanhas, terá ocorrido provavelmente porque havia falta de solos agrícolas e a população tenha crescido para além das necessidades alimentares. Por outro lado, compreende-se a mesma, pelo facto destes novos povoados viverem sob um novo incremento da actividade agrícola, e com uma nova economia de mercado.

Com a chegada da agricultura romana veio também novas técnicas agrícolas que fizeram evoluir o sector agrícola. A agronomia Romana fala de estrumações, sementeiras, granjeios, ceifas, saneamento dos solos, rompimento dos solos, como explana o que se deve fazer em cada cultura, desde o trigo, ao centeio.

Mais tarde com a vinda dos árabes houve a introdução do trigo-rijo, assim como o arroz e novas técnicas agrícolas.

No período medieval na agrícola surgiu a lei das sesmarias "... Ordenamos e mandamos que todos os que tenham herdades da sua propriedade (...) sejam constringidos para os lavrar e semear (...)" e que se não o pudesse fazer, as faça lavrar por outrem ou os dê a lavrar, que as lavre e semeiam"

*Lei das Sesmarias, 1375*

No século XVI assistiu-se a uma nova fase agrícola no Minho derivada aos descobrimentos. Esta nova fase apelidou Orlando Ribeiro de "A Revolução do Milho" uma nova semente trazida das Américas que veio revolucionar todo o universo agrícola economicamente, pois adaptou-se muito bem às condições minhotas.

Ainda de uma forma mais detalhada, podemos dizer que o milho substituiu o cereal de sequeiro, o que obrigou à demarcação de campos, dando lugar a recintos vedados, o campo-prado.

Estes novos campos obrigaram a rever velhas serventias, caminhos por onde passava rebanhos, e construir caminhos vedados para a circulação de carros de bois, colheitas, estrumes, alfaias. Também como o milho implantara-se outras culturas, nomeadamente a vinha.

A vinha era cultivada nos solos mais favoráveis, de plantio contínuo, nas terras mais húmidas a videira teria tendência a trepar, sendo que por esta altura as videiras ainda seriam silvestres e teriam uma plantação contínua semelhante às vinhas das terras menos húmidas.

Mais tarde os novos campos levaram as vinhas para as bordaduras para dar lugar ao milho, beneficiando a vinha das estrumações e das regas dos campos começando desta forma a surgir o mosaico agrícola do Norte de Portugal.

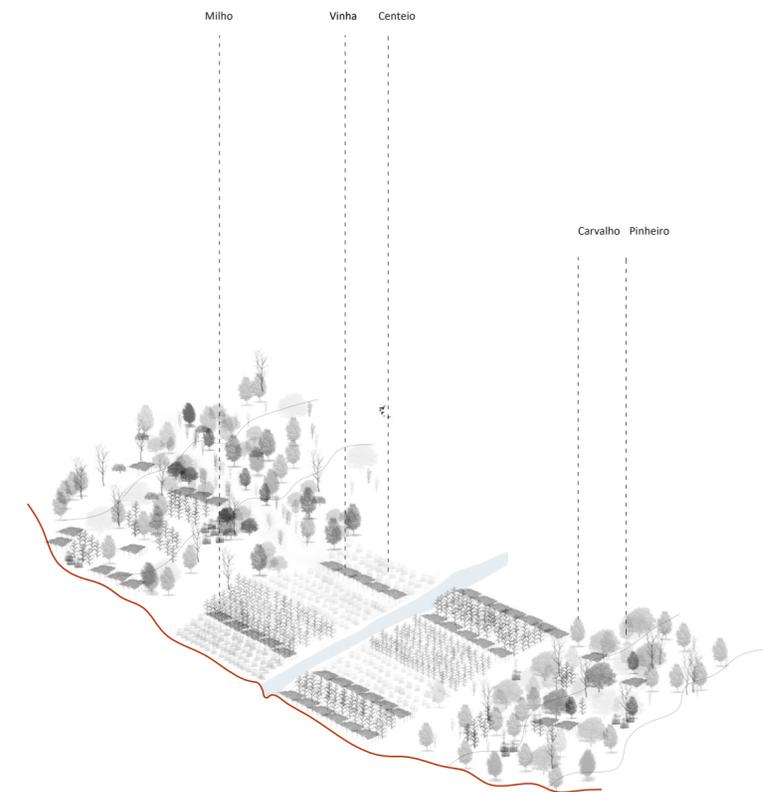


fig.5 Mosaico Agrícola do Minho

## ARQUITECTURA VERNACULAR

A arquitectura vernacular do Minho reúne uma identidade muito própria tanto na sua materialidade com na distribuição espacial.

Da casa módulo inicialmente desenvolvida foi sendo alterada em tipologias distintas de forma a corresponder às necessidades da época, construídas da manufactura e do uso de materiais locais e técnicas artesanais.

A casa de lavoura minhota em geral, salvo raras exceções, tem na sua tipologia, rés-do-chão e primeiro andar ou sobrado.

No Primeiro andar encontra-se espaço de estar que é composto por cozinha e espaço para quarto. No rés-do-chão está toda a logística da família, desde as ferramentas aos produtos agrícolas que importa conservar ao longo do ano, como também os currais dos bovinos, é possível verificar em diversas situações que nas construções era dada prioridade à produção agrícola, dedicando todo o rés-do-chão aos animais e aos produtos resultantes das explorações.

A casa de lavoura minhota que se preze tinha a sua adega e o seu lagar.

Estas estruturas habitacionais agrícolas de pequena escala, continham apenas dois a três espaços vitivinícolas, o lagar, e adega e o das cubas, uma vez que a produção de vinho era escassa e era apenas para consumo próprio, devido aos poucos recursos económicos da época.

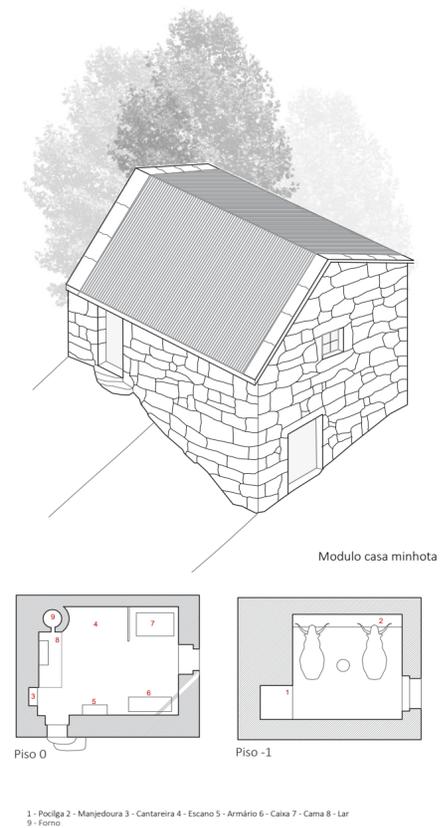
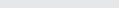


fig.6 Arquitectura Vernacular Minhota

ANÁLISE TOPOGRÁFICA

-  CALVOS
-  Vias Romanas
-  Vias Medievais

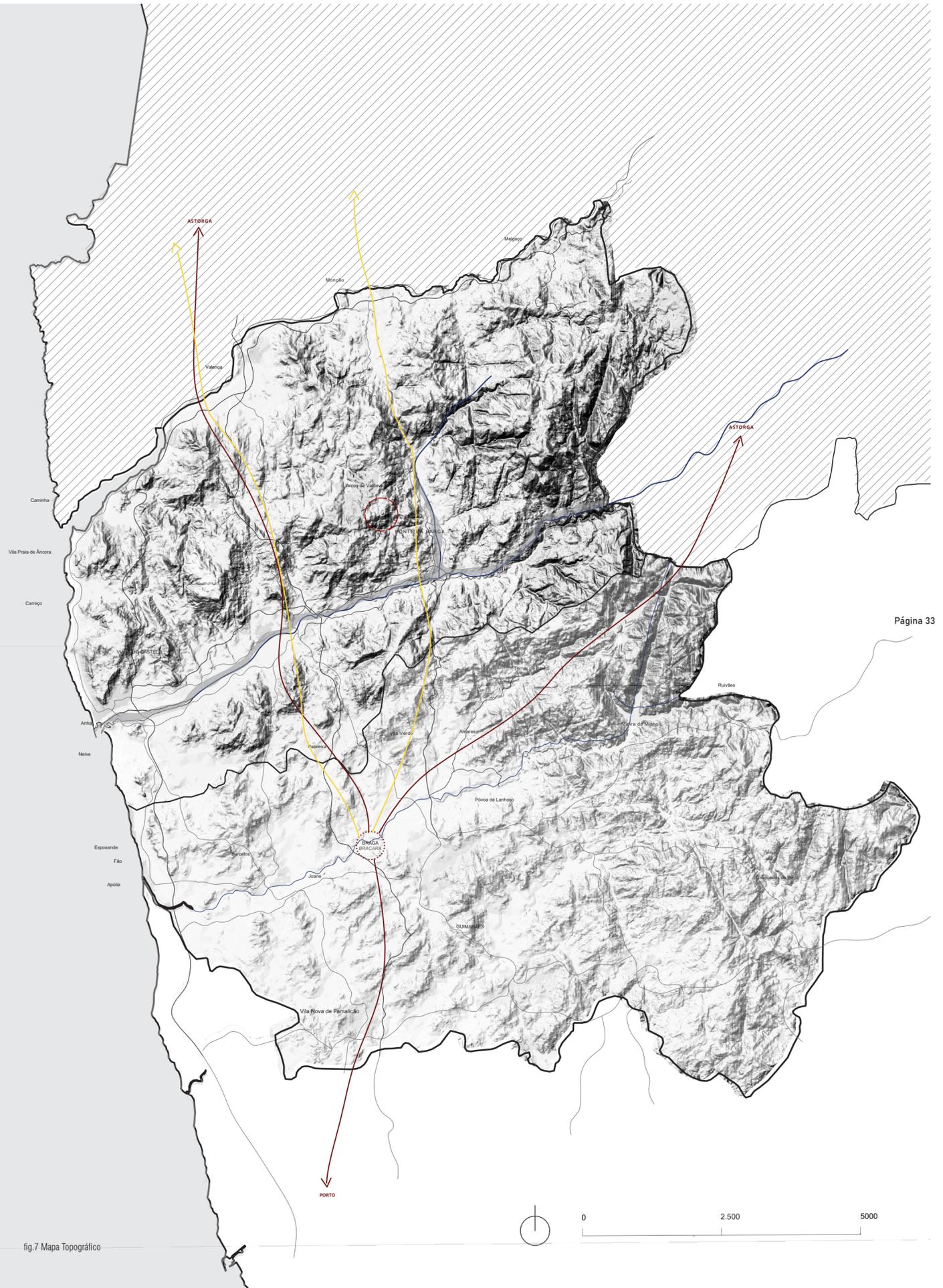


fig.7 Mapa Topográfico

ANÁLISE DE OCUPAÇÃO DOS SOLOS

-  CALVOS
-  Espaços Agrícolas
-  Espaços Florestais

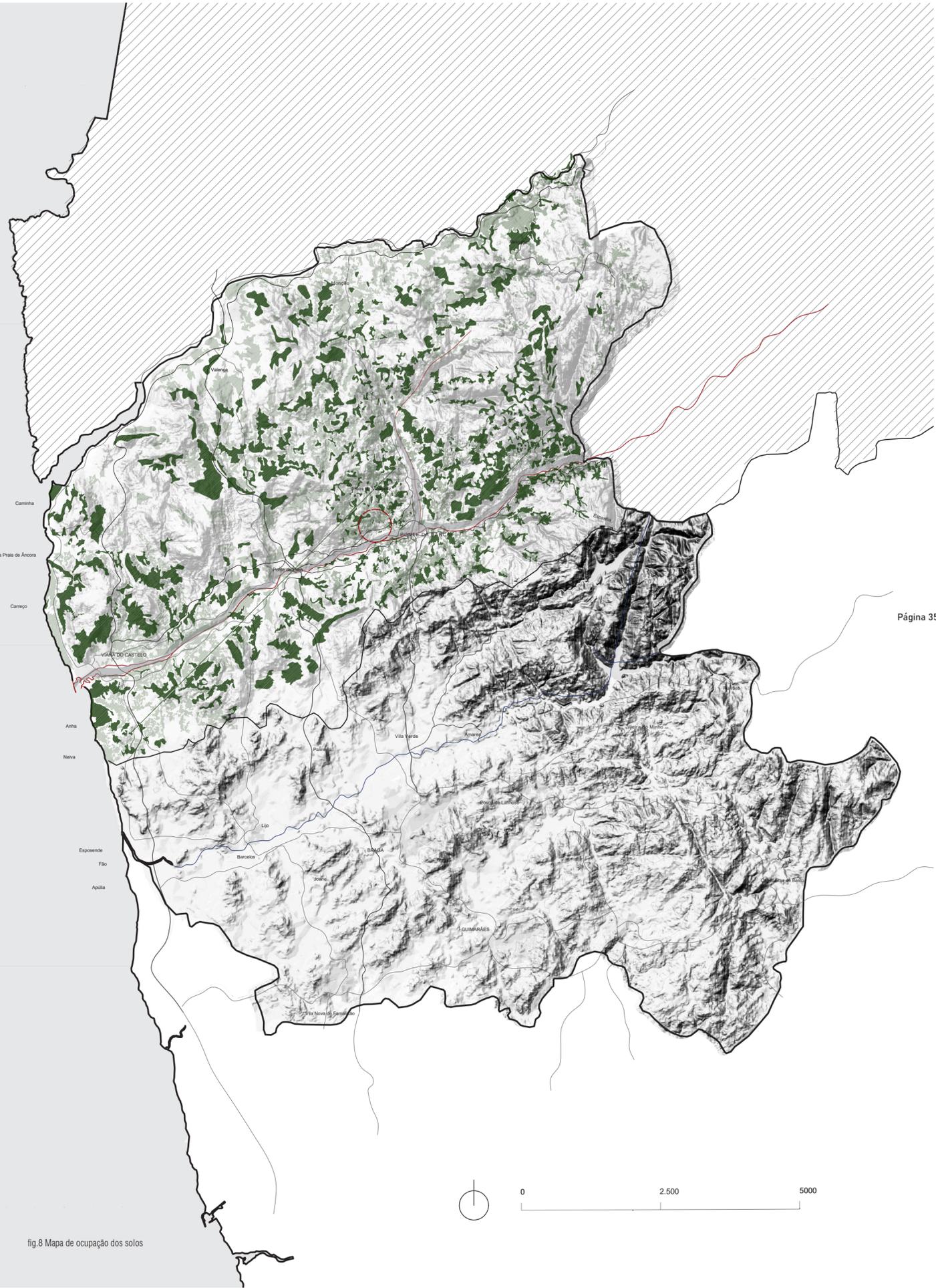
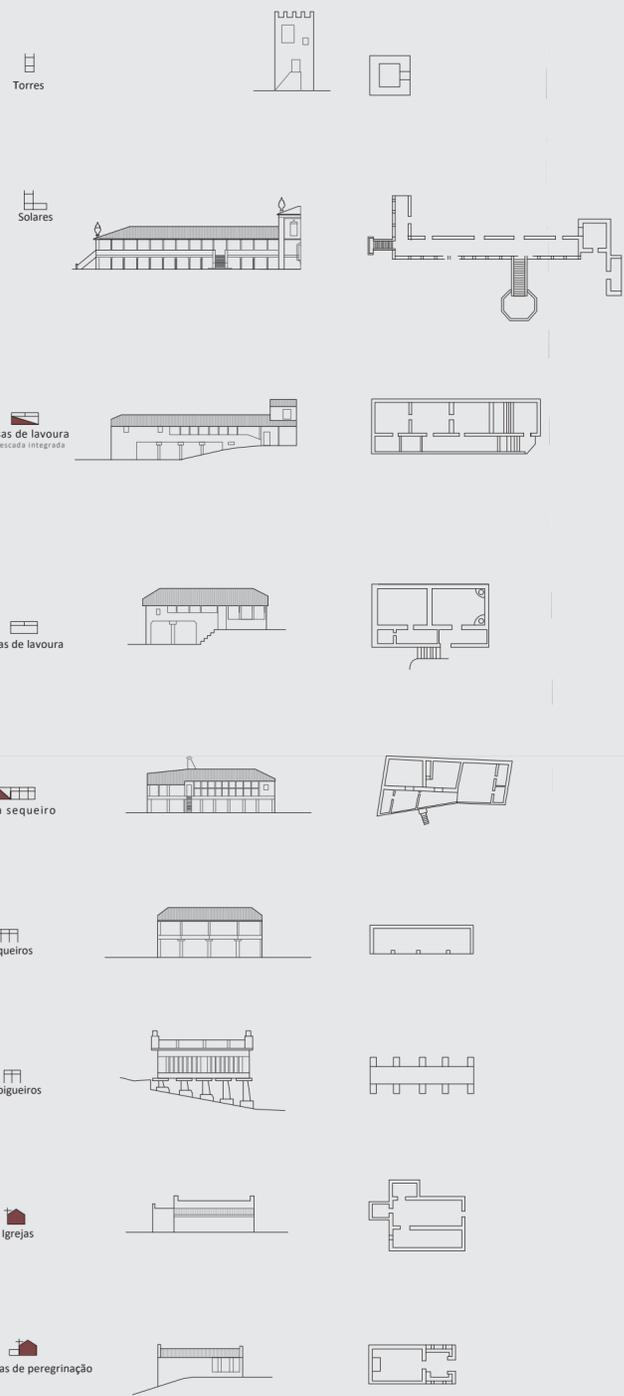


fig.8 Mapa de ocupação dos solos







ANÁLISE ARQUITECTÓNICA

CALVOS

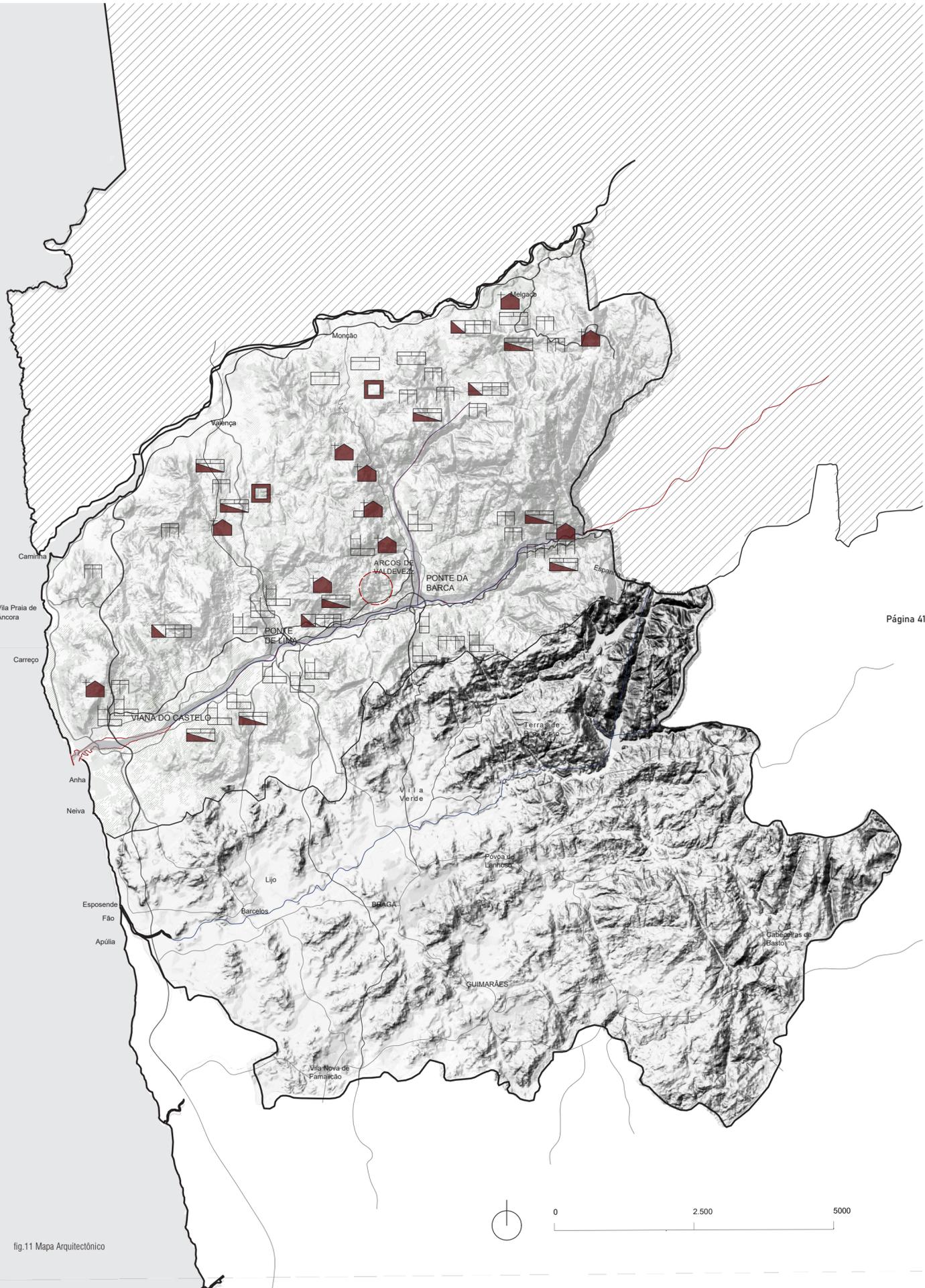
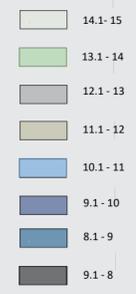


fig.11 Mapa Arquitectónico

ANÁLISE CLIMATOLÓGICA

TEMPERATURA MÉDIA °C



CALVOS

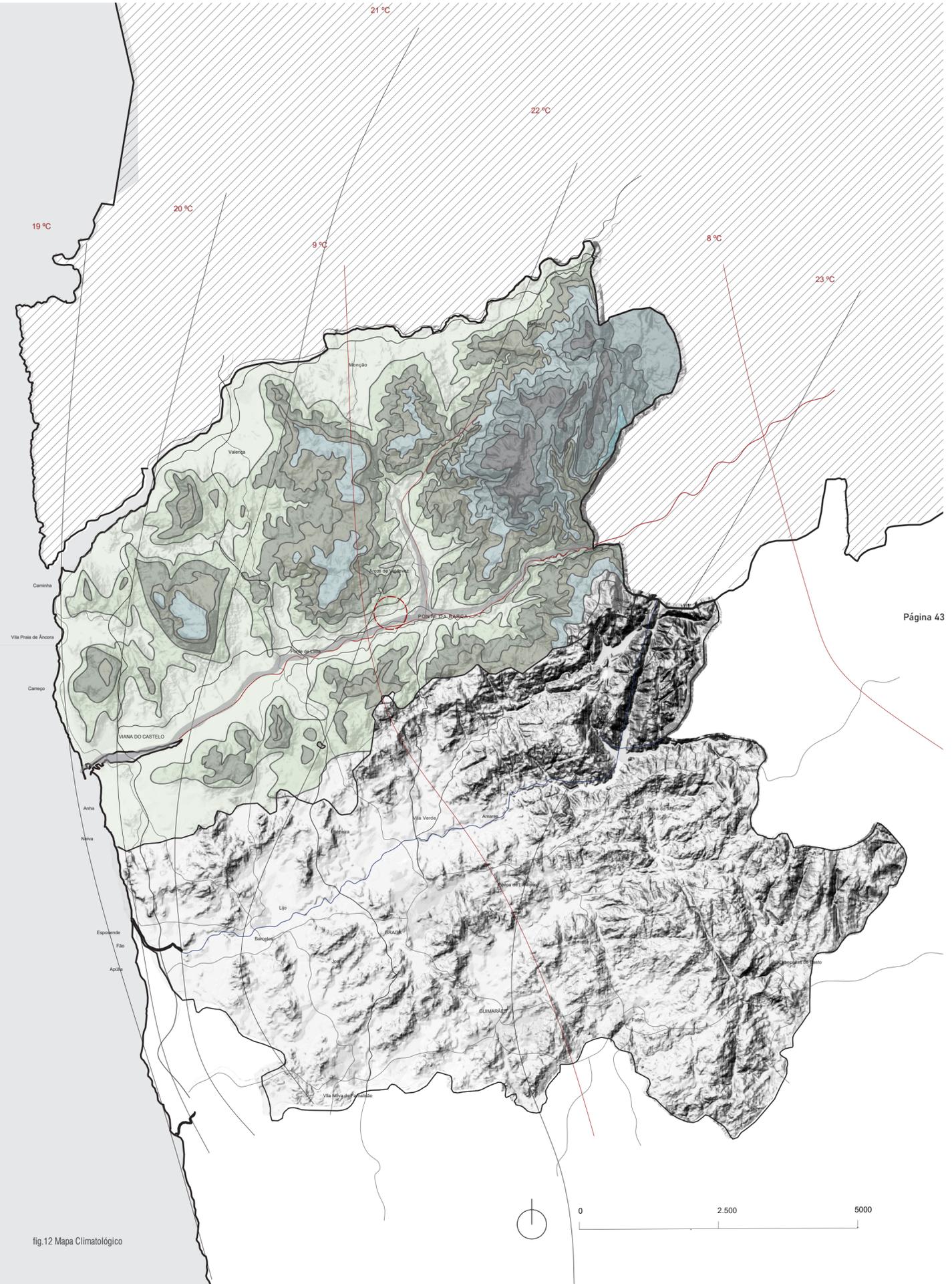
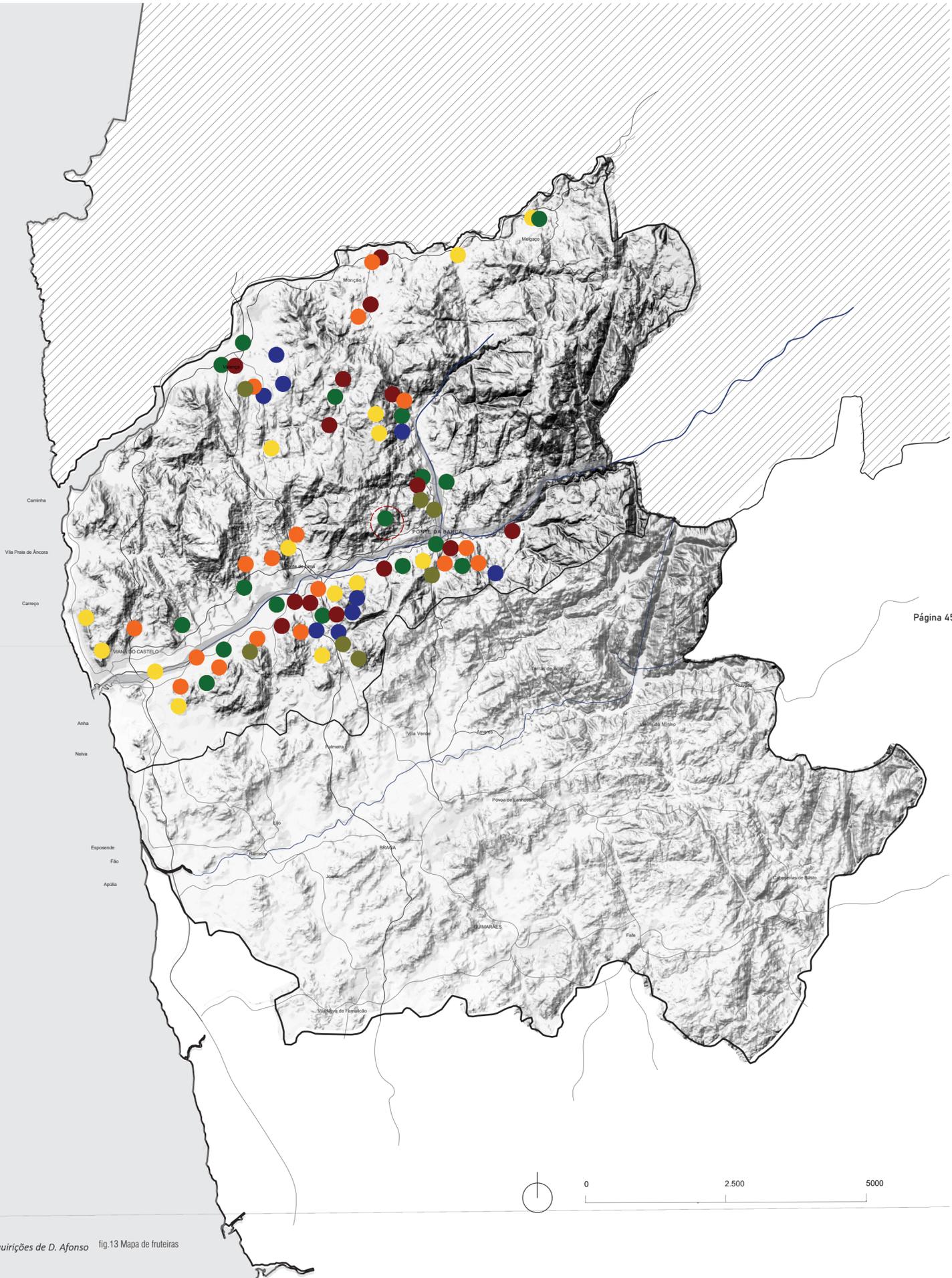


fig.12 Mapa Climatológico

ANÁLISE FRUTEIRAS

- NOGUEIRA
- MACIEIRA
- FIGUEIRA
- CEREJEIRA
- PEREIRA
- AVELEIRA

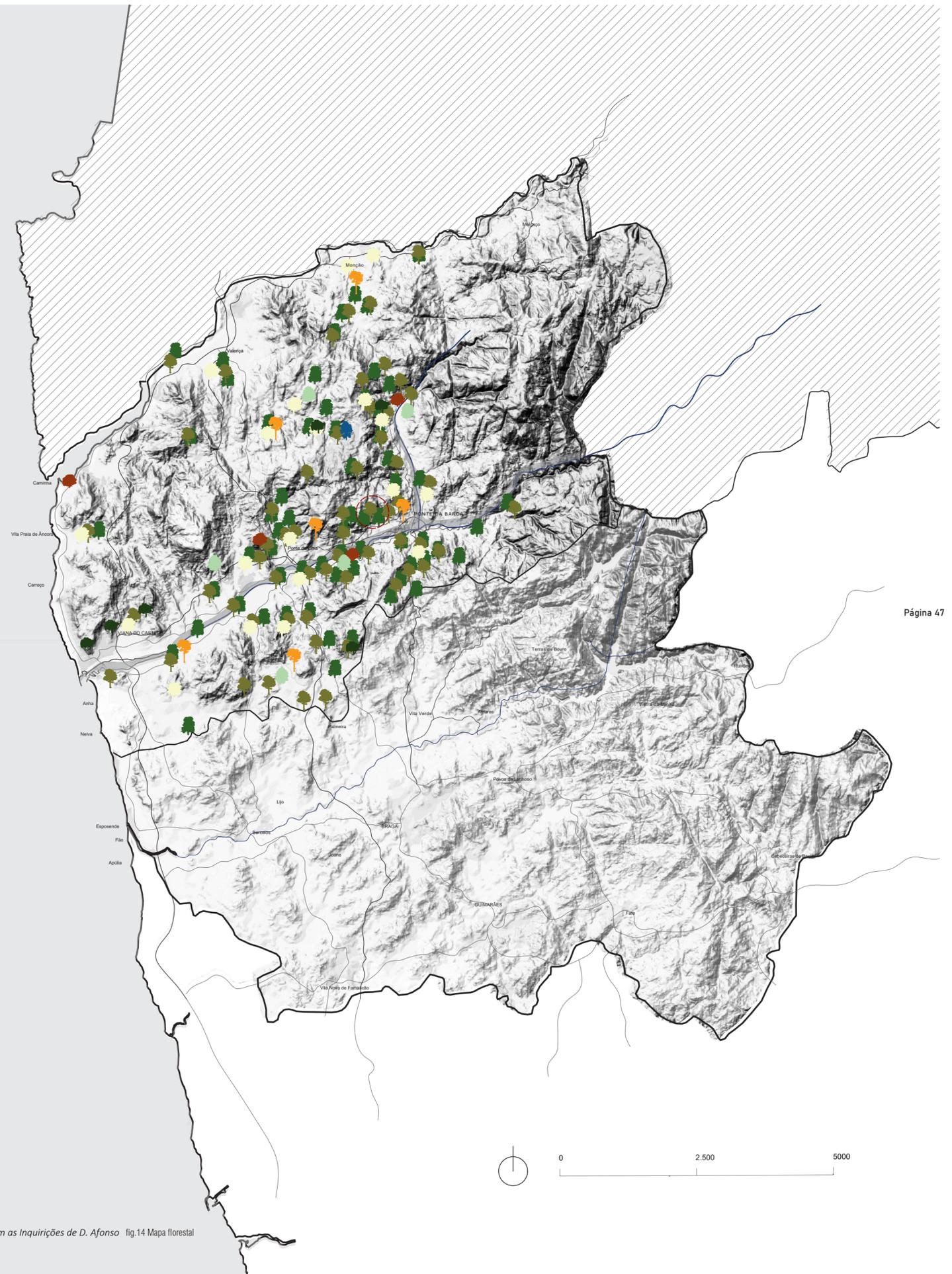
○ CALVOS



GONÇALVES, Iria, Por Terras de entre -Douro-E-Minho com as Inquirições de D. Afonso III, Edições Afrontamento, Porto 2011 fig.13 Mapa de fruteiras

ANÁLISE FLORESTAL

-  CASTANHEIRO
-  CARVALHO
-  LOUREIRO
-  SOBREIRO
-  PINHEIRO
-  FREIXO
-  AMIEIRO
-  SALGUEIRO
-  CALVOS



GONÇALVES, Iria, Por Terras de entre -Douro-E-Minho com as Inquirições de D. Afonso III, Edições Afrontamento, Porto 2011



**Sub - região Lima**

Castas Brancas - Arinto, Loureiro, Trajadura  
Castas Tintas - Borraçal, Espadeiro, Vinhão

**Sub - região Cávado**

Castas Brancas - Arinto, Loureiro, Trajadura  
Castas Tintas - Amaral, Borraçal, Espadeiro, Padeiro, Vinhão

**Sub - região Ave**

Castas Brancas - Arinto, Loureiro, Trajadura  
Castas Tintas - Borraçal, Espadeiro, Vinhão

**Sub - região Sousa**

Castas Brancas - Arinto, Avesso, Azal, Loureiro, Trajadura  
Castas Tintas - Amaral, Borraçal, Espadeiro, Vinhão

**Sub - região Monção e Melgaço**

Castas Brancas - Alvarinho, Loureiro, Trajadura  
Castas Tintas - Alvarelhão, Borraçal, Pedral, Vinhão

**Sub - região Basto**

Castas Brancas - Arinto, Azal, Batoca, Trajadura  
Castas Tintas - Amaral, Borraçal, Espadeiro, Padeiro,  
Rado de Anho, Vinhão

**Sub - região Amarante**

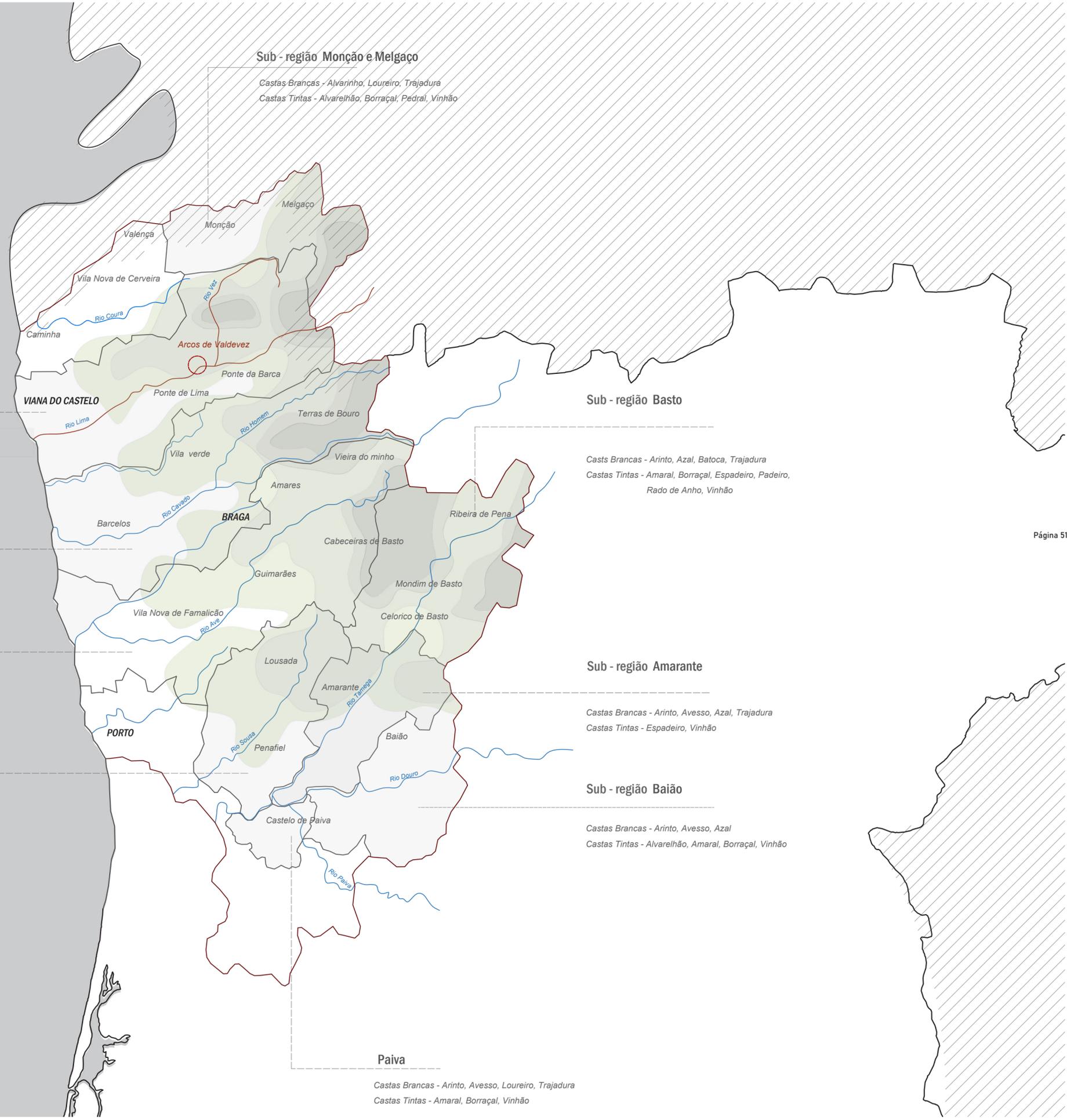
Castas Brancas - Arinto, Avesso, Azal, Trajadura  
Castas Tintas - Espadeiro, Vinhão

**Sub - região Baião**

Castas Brancas - Arinto, Avesso, Azal  
Castas Tintas - Alvarelhão, Amaral, Borraçal, Vinhão

**Paiva**

Castas Brancas - Arinto, Avesso, Loureiro, Trajadura  
Castas Tintas - Amaral, Borraçal, Vinhão



## A CULTURA DO VINHO

EVOLUÇÃO TEMPORAL



fig. 17 Vinha de ramada

## CULTURA DO VINHO

As primeiras tipologias relativas aos espaços dedicados ao vinho surgiram através das villas Romanas, que provaram desde sempre que o Homem dedicou uma parte do próprio espaço habitacional ao fabrico e armazenamento do vinho, reconhecendo-o como um bem valioso. Na idade média a produção de vinho era umas das principais ocupações do clero, pelo que os espaços dedicados à mesma se associaram aos mosteiros.

Até ao século XX a adega era apenas uma estrutura secundária de apoio à moradia, que servia de apoio à prática da agricultura, cujo agricultor era igualmente o produtor e, porventura, o único consumidor.

Marca um período onde o individualismo estava presente na cultura Portuguesa cada agricultura produzia o seu próprio vinho para consumo próprio ou em tempos de muita abundância vendia-se a quem necessita-se.

Salazar ministro das finanças na altura introduziu outra forma de pensar a agricultura implementando o cooperativismo na agricultura vinícola Portuguesa, concebendo um plano em que a reforma da agricultura se revelava um factor chave de recuperação do défice externo, de forma a relançar a economia nacional.

Assim, e a partir de 1929, seguiram-se uma série de campanhas que visavam o aumento da produção de trigo, em particular no Alentejo, considerado por este regime como o “ celeiro de Portugal”.

Em resultado disso foram muitas vinhas arrancadas, dando lugar aos cereais, que acabaram por ocupar estes espaços de forma gradual.

Em 1933 já Salazar como primeiro-ministro, inaugurou uma nova política de regulamentação para o sector do vinho, criou-se as “Federações de Viticultores” que reuniam os produtores de vinhos, e que surgiram com o objetivo de supervisionar a produção no território nacional.

Em 1937 a Junta Nacional do Vinho foi criada e , fiscalizava as produções, promovia a exportação e auxiliava os produtores.

Iniciava-se um movimento de requalificação e valorização do vinho nacional, que compreendeu a institucionalização da sua produção e fabrico.

Com raras exceções, quase todas as instituições criadas durante este regime acabou por permanecer quase intactas, mesmo após o 25 de Abril, porque se revelaram soluções eficazes que vieram melhorar o cenário nacional e o contexto de produção e exportações destes produtos.

Em 1931 funde-se a primeira adega cooperativa, mas este movimento cooperativo só veio ganhar uma dinâmica significativa alguns anos mais tarde, com o fim do segundo grande conflito mundial.

Nessa altura foi então instaurando um plano mais abrangente que visava a criação de uma rede constituída por uma centena de adegas cooperativas que de norte a sul do país foram sendo equipadas por incentivo do estado com o que existia de mais moderno em termos de equipamento.

Este plano veio trazer novas formas de fazer arquitectura pois foi precisamente neste momento que o betão armado começa a ser implementado nas adegas que até então eram construídas em alvenaria de pedra, possuíam um único piso não usufruindo da verticalidade do espaço . O betão veio trazer verticalidade aos espaços, facilidade de construção, inovação nas cofragens para os depósitos para o vinho acima de tudo rapidez de execução o que neste tempo era crucial. Este processo de modernização deu-se entre as décadas cinquenta e sessenta. Por isso, a cooperativização dos vinhos portugueses acabou por ser de certa forma aceite incondicionalmente. A propaganda de Incentivo ao consumo do vinho também foi promovida pelo Governo através de cartazes e de publicações especializadas do sector.



fig. 18 Cartazes de propaganda impostos pelo regime de Salazar

SEC 2000 a.C - SEC V II d.C	SEC VIII - SEC XII	SEC XIII - SEC XIV	SEC XV - SEC XVII	SEC XVIII	SEC XIX	SEC XX	SEC XXI	
<p><b>Sec 2000 a.C.</b> - Pensa-se que a vinha terá sido cultivada em terras Lusitadas ( Vale do Tejo e Sado) pelos Tartessos</p> <p><b>Sec X a.C.</b> - Os Fenícios apoderaram-se do comércio dos Tartessos e com isso apoderaram-se do comércio vinícola, trazendo alguns desses castas para a Lusitânia.</p> <p><b>Sec VII a.C.</b> - Os Gregos instalaram-se na Península Ibérica e desenvolveram a arte de praticar viticultura.</p> <p><b>Sec VI a.C.</b> - Os Celtas, tendo o conhecimento das práticas do cultivo da videira trouxeram para a Península Ibérica diferentes variedades.</p> <p><b>Sec VI a.C.</b> - VILLA DE BOSCOREALE - POMPEIA Planta parcial da Villa de Boscoreale</p>	<p><b>Sec VIII</b> - INVASÃO ÁRABES</p> <p>Novo período para a vitivinicultura Ibérica. O Corão proibia o consumo do vinho, no entanto, o emir de Córdoba que governava a Lusitânia, mostrou-se tolerante para com os cristãos, não proibindo deste modo a cultura da vinha nem a produção de vinho. Para os Árabes agricultura era importante aplicando aos agricultores uma política protectora desde que estes se entregassem aos trabalhos rurais.</p> <p><b>Sec XI e XII</b> - Dominio dos Almorávidas e Almoadas, levaram os preceitos do Corão com mais rigor, dando-se assim uma regressão na cultura da vinha.</p> <p><b>Sec XI e XII</b> - O vinho era o principal produto exportado, documentos existentes confirmam a importância do vinho e da vinha em território Português, mesmo antes do nascimento da nacionalidade.</p>	<p><b>Sec XIII</b> - D Afonso Henriques, depois de conquistar a totalidade do território Português, permitiu que se instalassem Ordens religiosas, militares e monásticas, com destaque para os Templários, Hospitalários e Cister, tomando centros de colonização agrícola do cultivo da vinha.</p> <p><b>Sec XIII</b> - O vinho teve grande importância nas cerimónias religiosas, o que levou ao interesse das igrejas, clérigos e mosteiros, pela cultura da vinha.</p>	<p><b>1488</b> -CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA</p> <p><b>1415</b> -CONQUISTA DE CEUTA</p> <p><b>1500</b> -DESCOBERTA DO BRASIL</p> <p><b>Sec XV</b> - O vinho de "toda" ou de "torna viagem"</p> <p>Eram vinhos que se mantinham seis longos meses nas barricas, espalhadas pelos porões das galés, sacudidas pelo balançar das ondas, ou expostas ao sol, ou por vezes submersas na água do fundo dos navios... O vinho melhorava.</p> <p><b>Sec XVI</b> - Lisboa era o maior centro de consumo e distribuição de vinho do império. A expansão marítima levava o vinho Português para os quatro cantos do mundo.</p>	<p><b>1703</b> -TRATADO DE METHUEN</p> <p>O crescimento da viticultura marcou o século, o tratado de Methuen, onde a Inglaterra concedia um regime especial aos vinhos importantes de Portugal.</p> <p><b>1712</b> -PRIMEIRO LIVRO SOBRE A VINHA E O VINHO.</p> <p><b>1715</b> -EXPLORAÇÃO DO OURO NO BRASIL</p> <p><b>1734</b> -VINHOS DA BARRADA</p> <p>Os vinhos adquirem grande projecção e inicia-se a exportação de vinhos para América do Norte, França, Inglaterra e principalmente para o Brasil.</p>	<p><b>1807</b> -INVANÇÕES FRANCESAS</p> <p><b>1808</b> -VINHO DE BUCELAS</p> <p>Reconhecimento internacionalmente devido as invasões Francesas.</p> <p><b>1808</b> -VINHO DE CARCAVELOS</p> <p>Foi bem reconhecido pelas tropas de Wellington que o levaram para Inglaterra, onde foi durante largos anos, exportado em grandes quantidades.</p> <p><b>1808</b> -VINHO DA MADEIRA</p> <p>Considerado um dos vinhos com mais requinte nas cortes europeias.</p>	<p><b>1907</b> -JOÃO FRANCO ESTABELECE UM MARCO NA CONSTRUÇÃO E HIERARQUIZAÇÃO DO SECTOR VINICOLA NACIONAL.</p> <p><b>1908</b> -REGIÃO DEMARCADA DOS VINHOS VERDES.</p> <p><b>1910</b> -IMPLANTAÇÃO DA REPUBLICA</p> <p><b>1926</b> -ESTADO NOVO</p> <p><b>1929</b> -CRISE VINÍCOLA (1929 - 1937)</p> <p>Foi lançada por parte do regime uma campanha que proibia a plantação da vinha e estimulava a plantação de trigo.</p>	<p><b>1946</b> -FUNDAÇÃO DO INEC</p> <p><b>1949</b> -ANAS ( JNV )</p> <p><b>1950</b> -ADEGAS COOPERATIVAS</p> <p><b>1952</b> -PLANIFICAÇÃO DE ADEGAS COOPERATIVAS</p>	<p><b>2000</b> -33 DENOMINAÇÕES DE ORIGEM CONTROLADA</p> <p><b>2001</b> -DOURO VINHATEIRO FOI CONSIDERADO PATRIMÓNIO MUNDIAL DA UNESCO</p> <p><b>2004</b> -A PASSAGEM DA CULTURA DA VINHA DA SIAH DO PICO É CLASSIFICADA COMO PATRIMÓNIO MUNDIAL DA UNESCO</p> <p><b>2009</b> -PROGRAMA DE APOIO AO SECTOR VITIVINICOLA ATÉ 2014</p> <p><b>2009</b> -Um número significativo de Quintas, solares e terrenos de cultivo são preparados para a prática de cultivo intensivo.</p>
<p><b>194 a.C.</b> - Expansão guerreira de Roma na Península Ibérica conduziu aos primeiros contactos com os Lusitanos</p> <p><b>Sec II a.C. - I dc</b> - TRATADOS SOBRE AGRONOMIA E OPTIMIZAÇÃO DA ECONOMIA AGRÍCOLA - ROMA Cato, de Agri Cultura; Varro, Rerum Rusticarum; Columella, De Re Rustica</p> <p><b>15 a.C.</b> - Conquista dos Romanos sobre os Lusitanos. Nesta época a cultura da vinha teve um desenvolvimento considerável, com a introdução de novas variedades e com o aperfeiçoamento de técnicas de cultivo, incluindo a poda.</p> <p><b>585 d.c.</b> - Decadência do Império Romano pelas invasões bárbaras ( Suvos e Visigodos)</p> <p><b>sec. VI e VII d.C.</b> - Expansão do Cristianismo na Península Ibérica. O vinho torna-se então indispensável para o acto sagrado da comunhão, os bárbaros adoptaram o vinho considerando-o como bebida digna de povos "civilizados".</p>	<p><b>Sec XII - FUNDAÇÃO DE PORTUGAL</b></p> <p><b>Sec 820 d.c</b> -MOSTEIRO DE SAN GALLEN - SUICA</p>	<p><b>Sec XIV</b>- Os vinhos de Portugal começaram a ser conhecidos até no norte da Europa. Foi na segunda metade do século XIV, que a produção de vinho começou a ter um grande desenvolvimento, renovando-se e aumentando a sua exportação.</p> <p><b>Sec XIV</b>- MOSGATEL DE SETÚBAL É EXPORTADO EM GRANDE QUANTIDADE PARA A INGLATERRA</p>	<p><b>Sec XVI</b> - CHÂTEAU HAUT- BRION - FRANÇA</p> <p>Primeiras manifestações da Arquitectura do Vinho , o termo Châteaui pretende associar a arquitectura do vinho e a terra de cultivo onde esta implantado, o Châteaui incorpora uma parte residencial e outra consagrada a exploração.</p> <p><b>Sec XVII</b> - Publicações de várias obras de cariz geográfico permite-nos entender o prestígio dos seus vinhos e a importância do consumo e do volume de exportações.</p>	<p><b>1750</b> -INICIO MANDATO MARQUÊS DE POMBAL</p> <p><b>1756</b> -REGIÃO DEMARCADA DO DOURO</p> <p>Marquês de Pombal colocou em pratica uma série de medidas que incentivaram o desenvolvimento na vitivinicultura na região do Douro.</p> <p><b>1777</b> -FIM MANDATO MARQUÊS DE POMBAL</p> <p><b>Sec XVIII</b> -VINHO DO PICO DOS AÇORES.</p> <p>Foi largamente exportado para o Norte da Europa e até mesmo para a Rússia.</p>	<p><b>1850</b> -INICIO DO CICLO DE DOENÇAS NAS VINHAS.</p> <p><b>1852</b> -INICIO DO ENSINO TÉCNICO AGRÍCOLA EM PORTUGAL.</p> <p><b>1867</b> -FLOXERA.</p> <p><b>1892</b> -PUBLICAÇÃO DO PRIMEIRO DIPLOMA COM INTENÇÕES DE COOPERATIVISMO ENTRE PRODUTORES.</p>	<p><b>1933</b> -SALAZAR</p> <p><b>1933</b> -FUNDAÇÃO DA FEDERAÇÃO DOS VINICULTORES DO CENTRO E SUL DE PORTUGAL.</p> <p><b>1936</b> -EXTINÇÃO FVCSF</p> <p><b>1937</b> -EXTINÇÃO CAMPANHA DO TRIGO</p> <p><b>1937</b> -JUNTA NACIONAL DO VINHO</p> <p><b>1938</b> -CARTAZES DE PROPAGANDA DO VINHO E DA VINHA</p> <p><b>1939</b> -INICIO II GUERRA MUNDIAL</p> <p><b>1940</b> -EXPERIMENTAÇÃO DAS ADEGAS COOPERATIVAS</p> <p><b>1945</b> -FIM II GUERRA MUNDIAL</p>	<p><b>1960</b> -INICIO DO DECLÍNIO DAS ADEGAS PROPOSTAS</p> <p><b>1974</b> - 25 DE ABRIL</p> <p><b>1980</b> -PRÉ - ADESAO À CEE</p> <p><b>1986</b> -ADESAO À CEE</p> <p><b>1986</b> -CRIAÇÃO DO INSTITUTO DA VINHA E DO VINHO</p>	<p><b>2013</b> -CARTAZ DE PROPAGANDA DO VINHO VERDE</p> <p><b>2014</b> -PROGRAMA PARA REESTRUTURAÇÃO DE VINHAS ATÉ 2020</p> <p><b>2014</b> -CALVOS Inicio da primeira fase de Plantação</p> <p><b>2016</b> -CALVOS segunda fase de Plantação</p> <p><b>2017</b> -CALVOS Terceira fase de Plantação e conclusão de todo o processo</p>

ESTADOS UNIDOS - Nova Iorque



fig 19 Rooftop Reds  
Vinha plantada em vasos no topo dos edifícios.

ITÁLIA - Foggia

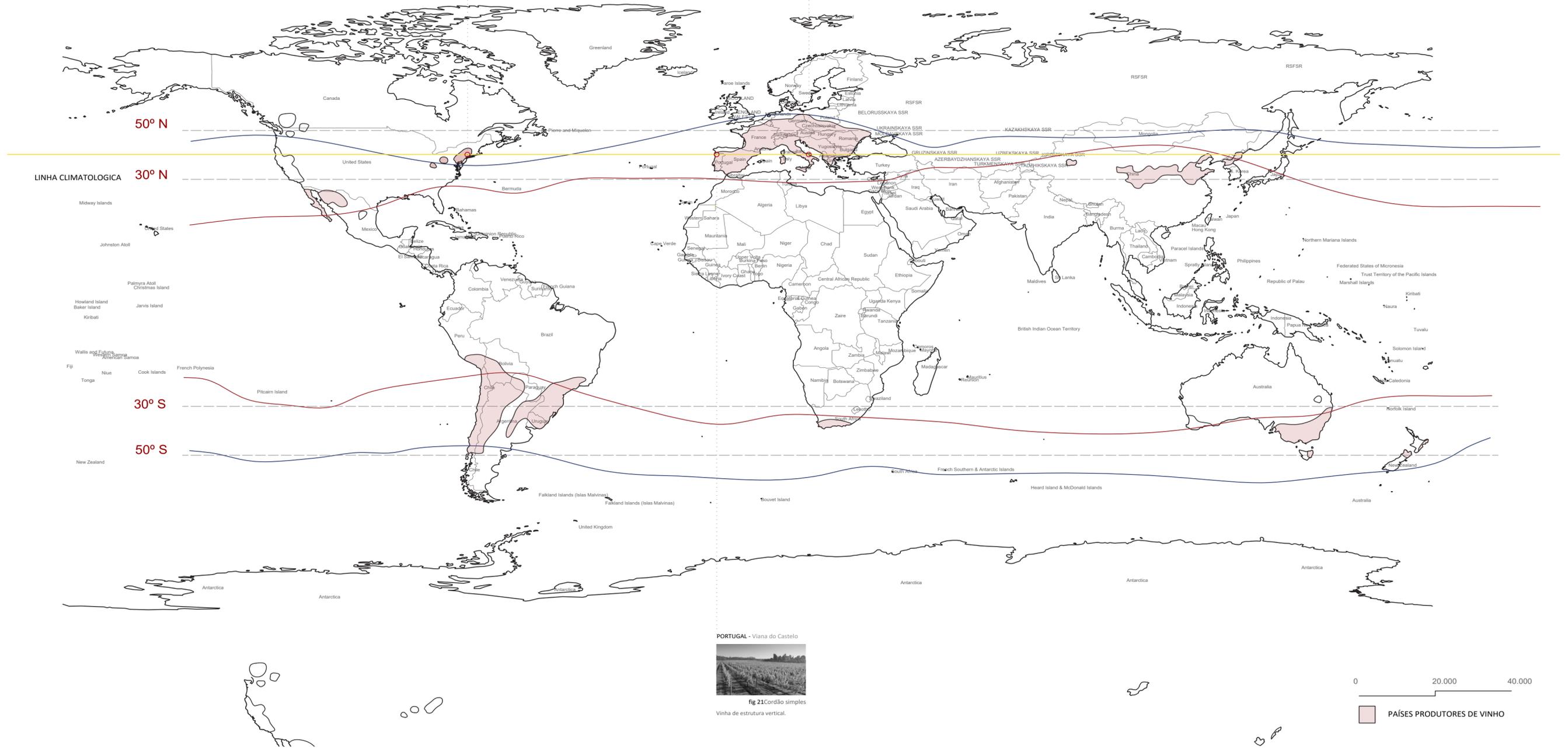


fig 20 Latada  
Vinha de estrutura horizontal

PORTUGAL - Viana do Castelo



fig 21 Cordão simples  
Vinha de estrutura vertical.



**"A vinha produz nos campos um belo efeito ornamental, tão característico no Entre Douro e Minho. No Alto Minho, a videira alonga a sua cepa, desdobrando sobre "latadas" formosíssimas, como uma cabeleira "**

José CRESPO – O Minho – região de beleza eterna. Lisboa: Bertrand, 1957, p. 163.

## PAISAGEM EM TRANSFORMAÇÃO

SISTEMAS DE CONDUÇÃO



fig. 22 Vinha ramada

## PAISAGEM TRANSFORMADA

A noção de paisagem assenta na ideia de que “ a paisagem é tudo. É um diagnóstico de uma organização humana do território, a paisagem não é natural, é construída com elementos naturais, é do Homem, como uma casa.

O Homem faz paisagem com materiais vivos e com solo duro, é uma construção artificial, baseada nas leis da Natureza onde os seus elementos estão sujeitos à Lei da vida.

Portanto, há uma dinâmica e lógica da paisagem, da parte essencial da paisagem, não podemos separar a paisagem e trata-la como uma coisa para o turismo ou como um valor apenas de cenário” *Gonçalo ribeiro - jornal pessoas e lugares*

A paisagem é a identidade cultural de uma região, “A paisagem torna-se um elemento tão poderoso de identificação cultural que, como a língua e a religião - no que ela transporta de código comportamental - entra no pano de fundo do universo onírico ( ...) E o mais espantoso ainda é que , ainda como a língua e a religião, também a paisagem se actualiza permanentemente”

*Teresa d’abreu correia - revista finisterra.*

A transformação da paisagem é um processo de adaptabilidade as novas realidades de acordo com as suas necessidades, “Ao mesmo tempo que o carácter de cada paisagem se vai desvanecendo, vai aumentando o interesse e a procura da paisagem rural, por outros utilizadores que não a comunidade que nela vive ou viveu. É neste contexto que se fala hoje de multi funcionalidade da paisagem rural, porque dela cada vez mais se esperam várias funções: produção, não só em quantidade mas também de qualidade, preservação dos recursos naturais, conservação da natureza, manutenção da identidade e património cultural, o turismo, qualidade de vida” Teresa pinto correia-jornal pessoas e lugares.

Portanto, é o resultado das acções do Homem, no território, ao longo do tempo. É o resultado da relação dinâmica do Homem com o território, ao longo de sucessivos séculos de história, traduz-se nas capacidades de construir e desconstruir um território como meio para atingir um fim. Orlando Ribeiro destacou o papel da paisagem na identidade do lugar, ao afirmar que a paisagem de hoje corresponde a um produto do passado, constitui um registo memória cultural colectiva, traduz a história do povoamento e as formas de aproveitamento para fins produtivos de determinado espaço geográfico.

Fazer arquitectura deve partir de uma análise do território e ser pensada como um gesto sensível numa relação intrínseca com o existente, criando uma ambiência que explore os sentidos numa relação de necessidade com a essência do lugar, que materialize o conceito da ideia de projecto. Um ponto de equilíbrio entre arquitectura e o espaço que permita uma atmosfera que seja vivida e sentida pelo homem.

Depende da Arquitectura saber compreender o território e molda-lo de acordo com a sua expressão.

“Penso sempre que a arquitectura só faz sentido se conseguir criar uma espécie de climax em relação à compreensão e à expressão de questões que são fundamentalmente questões do território” *João carrilho da graça - escrita na paisagem”*

“Uma arquitectura que se forma a partir da paisagem e uma paisagem que é reinventada, construída e transformada em arquitectura, as hibridações” *Marta Pedro*

Arquitectura e a paisagem devem interagir como um só de forma dinâmica e integrada, “Uma Arquitectura que procura novas interações e dinâmicas com a paisagem que , por sua vez se apresenta sob a forma de topografia operativa onde o edificado se funde se suaviza e se infiltra, dando origem a novos solos, novos relevos, num jogo complexo de hibridações” (..)” O solo é manipulado e transformado numa superfície activa, complexa e mutante, de onde emerge o construído” *Marta Pedro*

O Minho deve partir de uma ideia de património e de paisagem cultural, de modo a criar novas metodologias e estratégias que passam pela valorização dos ecossistemas, compreendendo a própria essência do lugar para responder às necessidades do Homem, dando lugar a novas paisagens construídas.”A paisagem agrícola não se opõe ao meio natural: adapta-se a ele ou pelo contrário transforma-o” Francisco Caldeira - paisagem e agricultura, in paisagem.

A transformação da paisagem esteve sempre muito presente, faz parte do processo de evolução/adaptabilidade do cultivo/floresta.

## A VINHA

O Homem ao longo do tempo foi domesticando a videira de forma a tirar partido da sua colheita, esse processo de domesticação foi acontecendo gradualmente sempre que as técnicas agrícolas foram evoluindo.

Um dos traços mais típicos da paisagem do Minho são as tradicionais formas de condução das vinhas, as chamadas uveiras ou enforcados, e as ramadas ou latadas.

Nas uveiras – ou árvore de vinho (também designada “vinha de enforcado”) – resulta da aplicação de uma técnica vitícola em que os pés de videira aproveitam a estrutura de crescimento que lhes é proporcionada por carvalhos ou castanheiros (os choupos e plátanos também eram usados).

O vinho obtido por este sistema de condução tinha pouca qualidade, as uvas ficavam muito cobertas com as folhas das árvores, e também com a suas próprias folhas, não podendo receber directamente os raios de sol, e por consequência nunca chegavam a amadurecer perfeitamente.

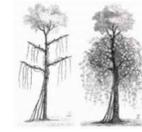
Ao contrário das uveiras, cujo crescimento é espontâneo e incontrolado, as latadas permitem ao viticultor controlar através das podas a vegetação da videira, e obter qualidade e quantidade na colheita final. Digamos que, neste sistema de cultivo, o lavrador “monitoriza” o crescimento da sua exploração.

De acordo com técnicos da Comissão de Viticultura “no seu sentido mais comum, trata-se de um sistema que permite aproveitar produtivamente espaços improdutivos, ou sobrepor-se a outras culturas; é frequente, com efeito, cultivar batatas debaixo de ramadas, quando na orla de campos ou em regime de vinha contínua”

Estas duas formas de crescimento vegetativo provoca um dos problemas que tradicionalmente prejudicam os agricultores é o facto de a maturação das uvas fazer tardiamente, em virtude dos sistemas de condução adoptados que provocam os ensombreamentos fazendo com que as uvas não estejam expostas ao sol e a sua maturação não aconteça como é desejado. Esta é a razão pela qual esta região é chamada região dos vinhos verdes.



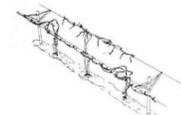
Vitis Vinifera



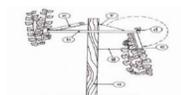
Vinha de Enforcado



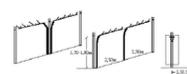
Latada



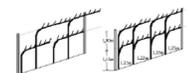
Cruzeta  
Cordão simples retombante



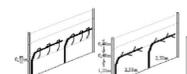
Cordão duplo sobreposto ascendente e retombante



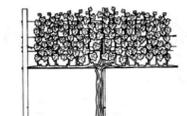
Cordão simples retombante



Cordão sobreposto retombante



Cordão sobreposto retombante



Cordão simples

Vitis Vinifera é a espécie de videira (Vitis sp.) mais cultivada para a produção do vinho na Europa. Sem um método de condução, o seu cultivo é simplesmente a plantação no solo.

A mais famosa e ancestral é a uveira, ou vinha de enforcado. Cresce junto a uma árvore, plantam-se de uma a quatro videiras que se deixam crescer livremente, entrelaçando-se com os ramos da árvore de suporte.

Forma de condução que pelos custos de instalação e manutenção que apresenta, não é uma forma actualmente recomendável para vinhas de dimensão. Este sistema de condução é aconselhável em determinadas situações, parcelas extremamente reduzidas e quando se queira plantar apenas na bordadura do terreno, proporcionando bons níveis de produção.

Cruzeta foi o nome dado à forma de condução, que nesta região usou de uma armação em cruz para suporte e disciplina dos cordões. É um sistema que apenas poderá ser utilizado com interesse em terrenos mais férteis, que favorecem o vigor da videira.

A videira divide-se em dois cordões que são orientados em sentidos opostos e a níveis diferentes, sendo o do nível superior responsável pela vegetação ascendente e o do nível inferior pela retombante, ficando separados por cerca 0.35 - 0.40 m o que cria uma abertura no sistema “janela”. Este sistema tem relevado boas produções desde o início e com níveis elevados de açúcares, bem como bom estado sanitários das uvas.

A videira divide-se em dois cordões que são orientados em sentidos opostos e a níveis diferentes, sendo o do nível superior responsável pela vegetação ascendente e o do nível inferior pela retombante, ficando separados por cerca 0.35 - 0.40 m o que cria uma abertura no sistema “janela”. Este sistema tem relevado boas produções desde o início e com níveis elevados de açúcares, bem como bom estado sanitário das uvas.

Forma vulgarmente conhecida por cordão simples, surge como uma alternativa mais económica à Cruzeta: custos de armação mais baixos e entrada em produção mais cedo. Pelo facto de ter vegetação totalmente retombante, sempre uma percentagem de cachos demasiado encobertos mais sujeitos à podridão, por outro lado, uma percentagem de cachos excessivamente expostos, que em certas situações estão sujeitos ao escaldio.

Este sistema surge com o objectivo de tirar partido do maior vigor conseguindo pelas varas de crescimento ascendente, garantindo maior fertilidade, diminui a sensibilidade à podridão dos cachos. Este tipo de sistema requer mais mão de obra.

Este tipo de condução simples, foi assumido mais recentemente na região, pois é adaptável à mecanização das operações de poda e vindima. A desvantagem é a incoerência entre o vigor vegetativo que é propício devido aos factores climatológicos da região e a estrutura de condução, para que seja bem-procedido necessita da perícia e conhecimento de quem efectua a poda. Este

tipo de conduções proporciona bons resultados ao nível da qualidade das uvas produzidas.

AVANÇO TEMPORAL

7

### O CULTIVO INTENSIVO

As vinhas representam um trabalho de gerações, trabalho difícil não só pela extensão como pelo esforço exigido. Mesmo nos mais pobres e acidentados terrenos, são transformados encostas em terraços, e terraços em planícies .

A vinha encontra-se entre as culturas com maior exigência de mão-de-obra, factor que lhe determina elevados custos de produção.

A aposta na mecanização já é uma realidade nas culturas de hoje em dia, levando ao desenvolvimento de novas técnicas , intensificando as culturas de forma rentabilizar as áreas de exploração.

"A paisagem agrícola nao se opõe ao meio natural: adapta-se a ele ou pelo contrário transforma-o" *Francisco caldeira - paisagem e agricultura, in paisagem*

O novo panorama surge com os padrões geométricos visíveis nas vinhas da actualidade, com o compasso de plantação reduzido nos cultivos de intensivo e super-intensivo. Esta forma de plantação garante maior quantidade de uvas num menor período de tempo.

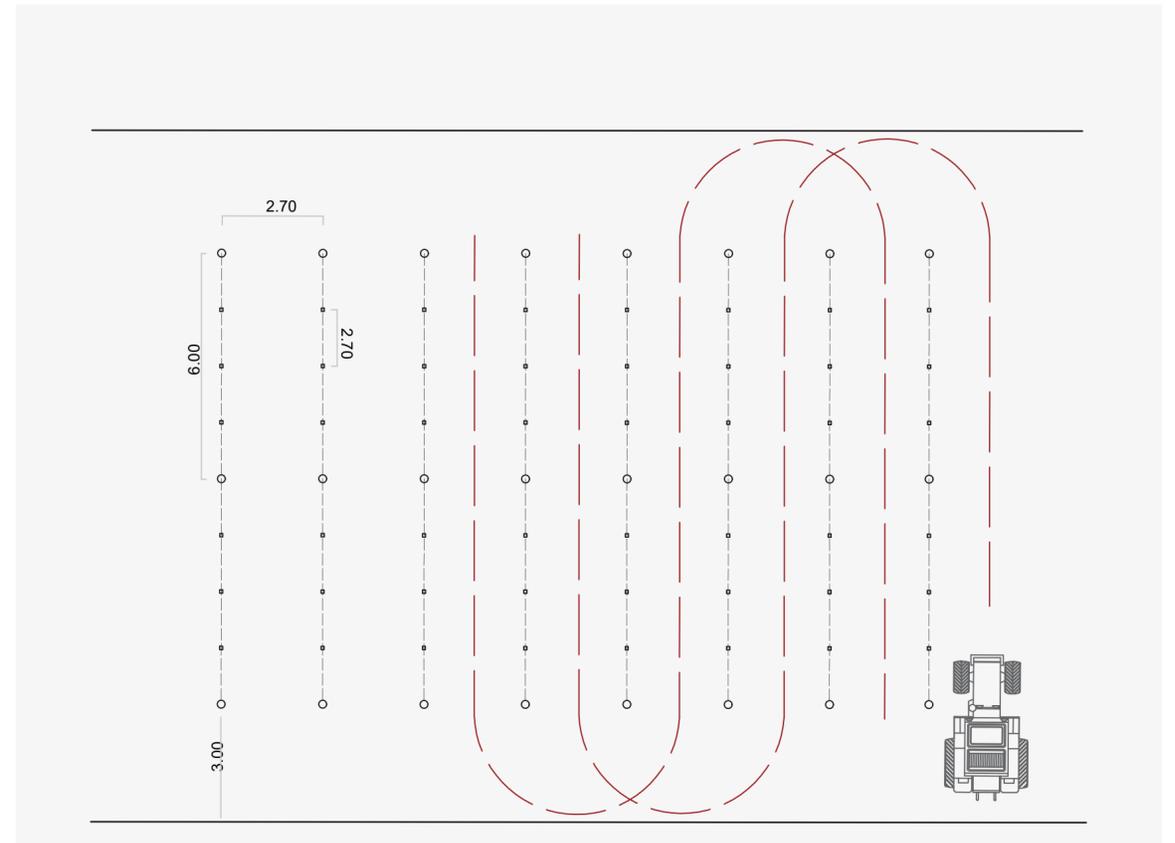


fig. 23 Compasso de Plantação

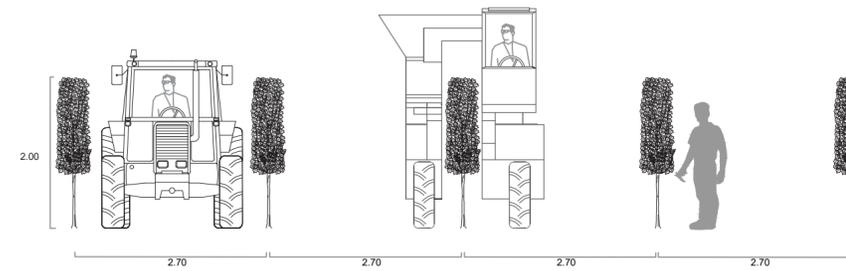


fig. 24 Ilustração

CRONOGRAMA DO VINHO



Página 68



**1 ANO**

**PREPARAÇÃO DO TERRENO**  
Na preparação do terreno, as cepas do antigo cultivo deverão ser retiradas, para assim não haver contaminação do solo para o cultivo posterior.

**TERRAPLANAGEM**  
A terraplanagem assegura que o terreno se encontre o mais horizontal possível, para assim permitir melhor desempenho das máquinas posterior à plantação e tratamentos da vinha.

**PLANTAÇÃO**  
A plantação é efectuada de forma sistematizada e alinhada, com recurso a maquinaria que permite facilidade de execução e precisão no compasso de plantação.

**MONTAGEM DA VINHA**  
A montagem da vinha manualmente requer habilidade no alinhamento dos perfis de metal, para posterior colocação do arame.

**REGA**  
No primeiro ano de plantação a rega é efectuada com recurso a uma sistema que vai regando continuamente ao longo de cada fila.

**SOFATAÇÃO**  
A sofatação neste caso terá de ser com recurso a mangueras de jacto projectado, pois as videiras ainda se encontram com um tamanho reduzido não permitindo a sofatação em jacto teletransportado.



**+2 ANOS**

**PODA PRIMÁRIA**  
A poda primária permite a escolha da melhor vara que serve de guia até ao arame.

**CORTE DE ERVAS**  
Sofatação com bomba de jacto teletransportado para prevenção ou combate de doenças.

**SOFATAÇÃO**  
Sofatação com bomba de jacto teletransportado para prevenção ou combate de doenças.

**MONTAGEM SISTEMA REGA**  
A montagem do sistema de rega permite que o terreno fique sempre húmido para um melhor desenvolvimento da videira.



**+3 ANO**

**PODA SECUNDÁRIA**  
A poda é executada manualmente e requer grande conhecimento por parte do agricultor. A poda tem de ser adaptada a cada videira, casta, solo, e microclima.

**SOFATAÇÃO**  
Sofatação com bomba de jacto teletransportado para prevenção ou combate de doenças.

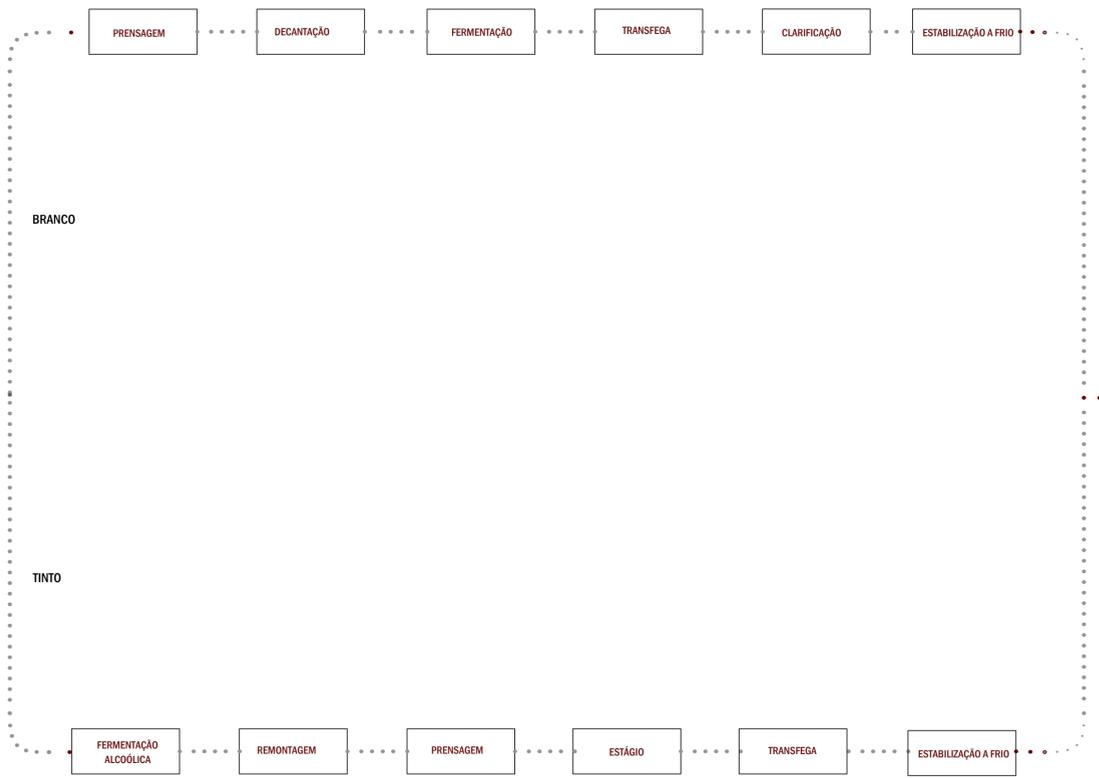
**PODA VERDE**  
Poda verde acontece no estado de floração da videira, permite o apartamento da vinha de forma a facilitar os trabalhos agrícolas posteriores.

**VINDIMA**  
Nesta fase acontece a vindima ou seja o colher das uvas no seu máximo de maturação.

**TRANSPORTE**  
As uvas vão em caixas de 24 kg, e serão transportadas até ao local de recepção.

**RECEPÇÃO**  
Já na adega é feita a retirada do meio de transporte e sua pesagem industrial.

**DESENGACE**  
Depois de pesadas são colocadas na desengaceira, que retira o carucho dos vagos.



Página 69

# CALVOS

O LUGAR



fig. 42

## CALVOS

Calvos é um dos lugares mais antigos da freguesia de Távora pertence ao conselho de Arcos de Valdevez, foi couto (terra privilegiada que não pagava impostos por pertencer a uma pessoa nobre) noutros tempos, e que tanto a floresta como os cultivos que aqui se cultivaram, tiveram sempre um papel importante tanto no comércio local mas também no sustento de cada família. Neste lugar existe uma casa senhorial granítica do século XIII com capela própria dedicada à Santa Isabel que noutros tempos pertenceu a Francisco Coelho Brandão pessoa importante da nobreza Portuguesa.

De Geração em geração Calvos foi-se modificando tanto nos seus limites de propriedade, como também nos cultivos que aqui foram praticados, adaptando sempre a sua topografia a cada cultivo.

Neste processo de modificação constante a separação de Calvos em dois lugares distintos aconteceu por motivos de partilhas familiares, ficando assim calvos de cima ( próximo do monte) com a casa senhorial e calvos de baixo ( próximo do rio ) com um conjunto de três habitações de apoio ao cultivo.

Actualmente em Calvos de baixo, as três habitações de apoio ao cultivo encontram-se em ruína, pelo facto do cultivo da vinha anteriormente optado deixar de ser rentável por não estar de acordo com métodos de condução de vinha modernos, compassos de plantação adequados, e também flexibilidade de mecanização o que levou ao abandono do conjunto.

Todos estes motivos fizeram com que o abandono toma-se conta deste lugar.

Recentemente foi feita uma reestruturação de toda a vinha existente em Calvos de baixo, e assim tornar mais rentável e também mecanizável o seu cultivo.



fig. 43 Ruínas da casa de lavoura



fig. 44 Solar de Calvos



fig. 45 Foto aérea de Calvos



fig. 46 Ortofoto



fig. 47 - 1959

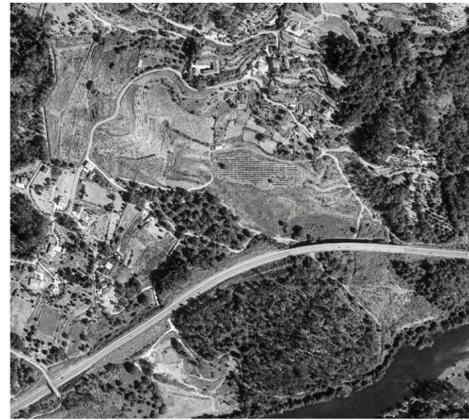


fig. 48 - 2013



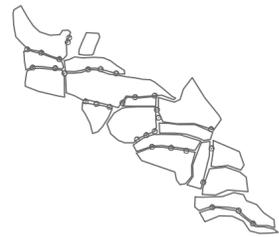
fig. 49 2014



fig. 50 2016



fig. 51 2017



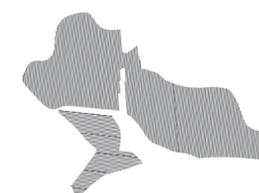
Terreno parcelado, limitado pelos seus desníveis acentuados, criando um sistema de rega de forma natural para o cultivo do milho. Nestes limites os muros de contenção eram sempre acompanhados de vegetação que lhes dava consistência.



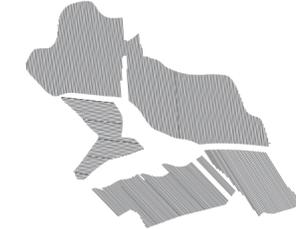
Terreno com topografia parcelada, com cultivo da vinha em cordão duplo ao longo de cada parcela, acompanhada de vegetação nos limites das mesmas.



Grande intervenção topográfica, criando condições para o cultivo intensivo da cultura da vinha em cordão simples.



Extensão da área de plantação.



Conclusão da plantação de 20 hectares de vinha.







fig. 52 Ruinas

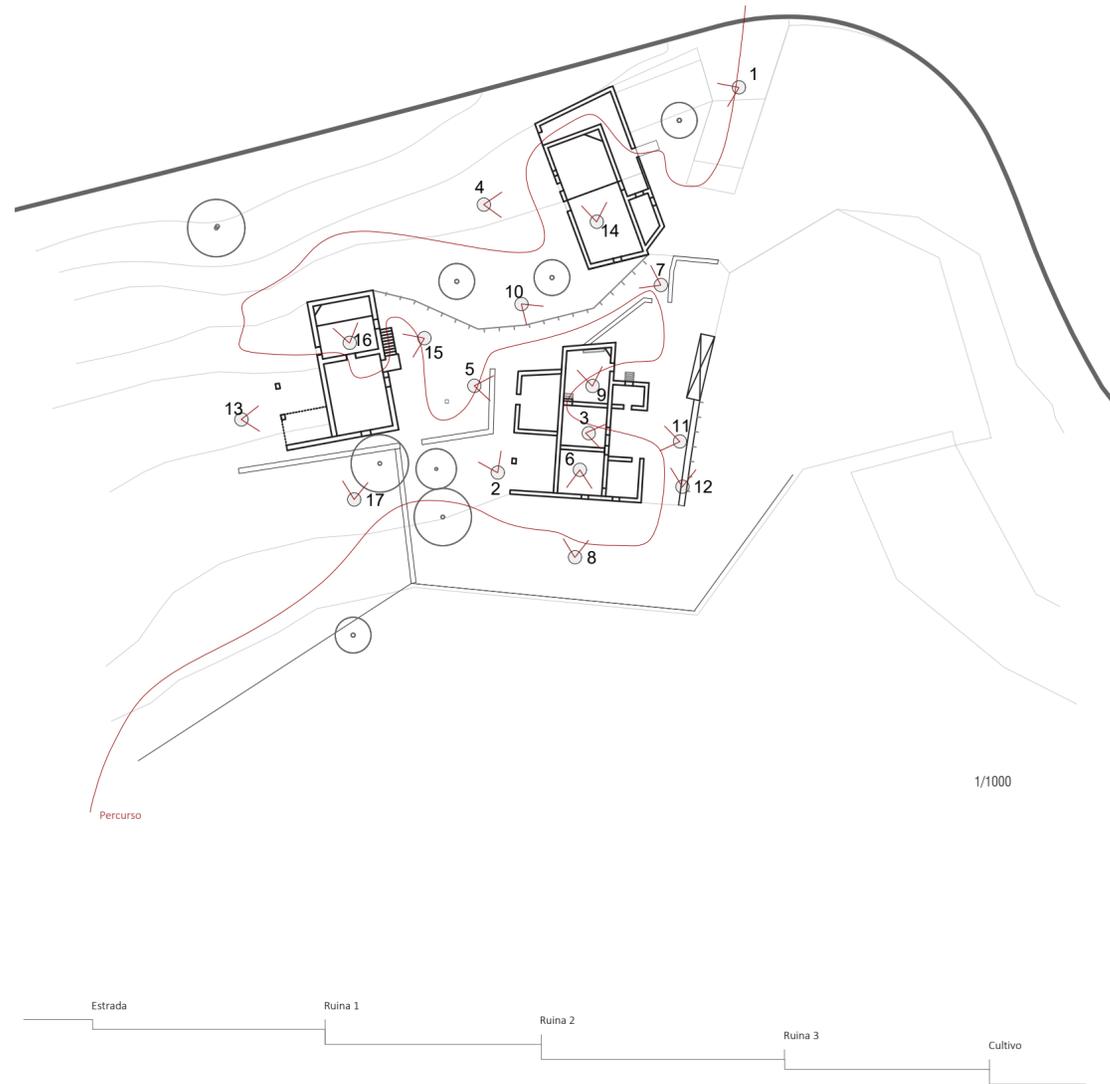


fig. 53 - Vista 1



fig. 56 - Vista 4



fig. 59 - Vista 7



fig. 62 - Vista 10



fig. 64 - Vista 13



fig. 69 - Vista 16



fig. 54 - Vista 2



fig. 57 - Vista 5



fig. 60 - Vista 8



fig. 63 - Vista 11



fig. 65 - Vista 14



fig. 68 - Vista 17



fig. 55 - Vista 3



fig. 58 - Vista 6



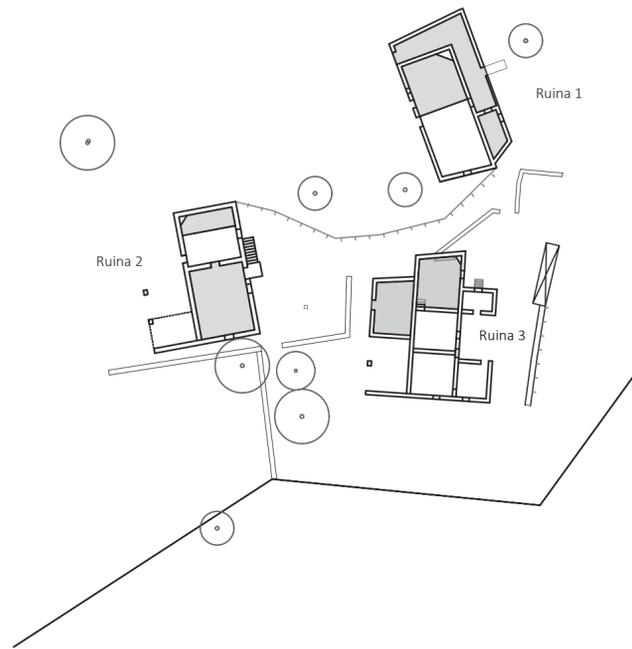
fig. 61 - Vista 9



fig. 66 - Vista 12

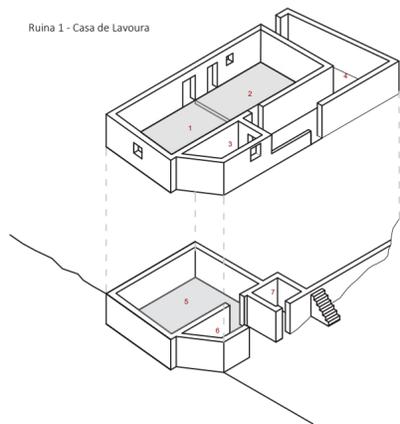


fig. 67 - Vista 15



Planta do lugar

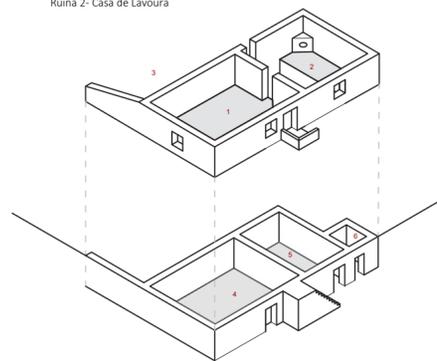
Ruina 1 - Casa de Lavoura



- 1 - Quarto
- 2 - Cozinha
- 3- Quarto
- 4- Armazem
- 5- Adega
- 6- Posilga
- 7- Arrumos

Escala 1/300

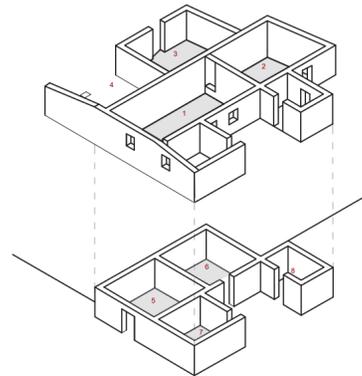
Ruina 2- Casa de Lavoura



- 1 - Quarto
- 2- Cozinha
- 3- Armazem
- 4- Adega
- 5- Posilga
- 6- Posilga

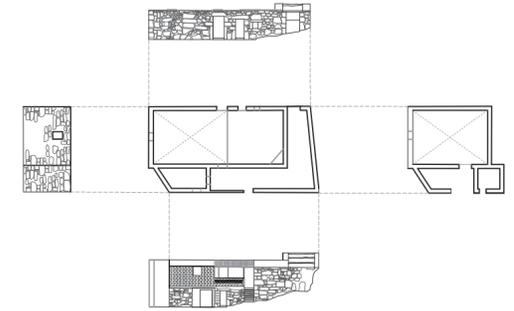
Escala 1/300

Ruina 3 - Casa de Lavoura



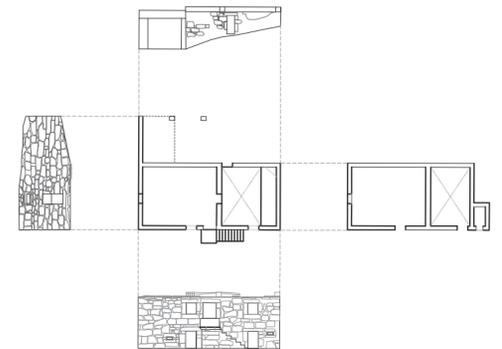
- 1 - Quarto
- 2- Cozinha
- 3- Armazem
- 4- Armazem
- 5- Adega
- 6- Posilga
- 7- Arrumos
- 8- Arrumos

Escala 1/300



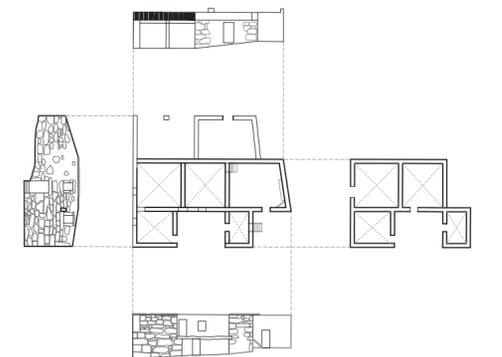
Ruina 1 - Casa de Lavoura

Escala 1/300



Ruina 2 - Casa de Lavoura

Escala 1/300



Ruina 3 - Casa de Lavoura

Escala 1/300

## LIMITES DIFUSOS

A definição de limite é um desafio colocado desde o início dos primórdios. Uma das noções que durou até hoje, e que habitam inconscientemente no nosso pensamento ocidental, é elaborada por Aristóteles em torno do Sec. IV aC, no qual este termo já é considerado quando pensam num “lugar”, e chega à conclusão de que o lugar tem que ser o limite do corpo que está em contacto com outro corpo.

“Limite: linha real ou imaginária que separa dois territórios”

Real, normalmente associa-se ao físico, o que se percebe através dos sentidos, e nos estimula. O Imaginário, pode ser aquilo em que a nossa cultura intervém, o conhecimento, a nossa experiência, as habilidades que temos de entender, para realizar actividades.

Esta linha imaginária pode ser difundida tomando um carácter de limite indefinido que se dá de forma vegetativa local. Atualmente, com a ortogonalidade das formas arquitetónicas, essas formas difusas resultam num processo de integração espacial profundo.

Uma Arquitetura de Limites é aquela em que a diferenciação de espaços deixa de existir, tornando-se uma arquitetura na qual o rigor da separação é perdido. Esses espaços devem ter um carácter flexível, quebrando o rigor que existia na Arquitetura Moderna e que Toyo Ito tomou como base do processo de evolução.

Uma flexibilidade que permite que a relação entre interiores e exteriores seja diluída, produzindo uma continuidade entre um interior construído e o exterior adaptando-se ao meio ambiente.

A adaptação, os novos relacionamentos e a importância das funções são bases para realizar uma arquitetura que se adapta à realidade mais próxima. Esta criação de espaços significa que transparência, entrada de luz, fluidez e flexibilidade são de grande importância para Toyo Ito.

“Arquitetura de limites difusas é um edifício que sobe no espaço e tem esse carácter transparente, homogéneo e flutuante. Arquitetura de limites difusos é uma imagem que existe no meu interior, uma imagem de uma arquitetura suave que ainda não tomou uma forma definitiva “.  
TO, Toyo . *Arquitectura de los Limites Difusos. Op.cit. p. 26.*

Uma arquitetura com limites suaves que pode, relacionar com o natural, baseia-se na criação de um ambiente natural artificial baseado em técnicas modernas, já que a arquitetura não pode depender exclusivamente da natureza, mas não deve afastar-se dela. Devemos idealizar um tipo de arquitetura que funcione a modo de sensor, semelhante a pele humana, uma arquitetura interativa entre o artificial e o natural.

Os limites entre os meios de ordem e desordem , são marcados pela natureza e pelos elementos construtivos feitos pelos humanos, este tipo de planeamento arquitectónico entrelaça o natural com o mecânico fazendo que o construído faça parte da natureza sem que tenha delimitação rígida. Por isso o edifício não deve romper com a forma natural da natureza deve ser integrado e fazer parte dela.

High Line em Nova Iorque , evidencia o limite difuso entre a natureza e o percurso pedonal, não havendo uma barreira rígida a dividir estes dois espaços.



fig. 70 -High line

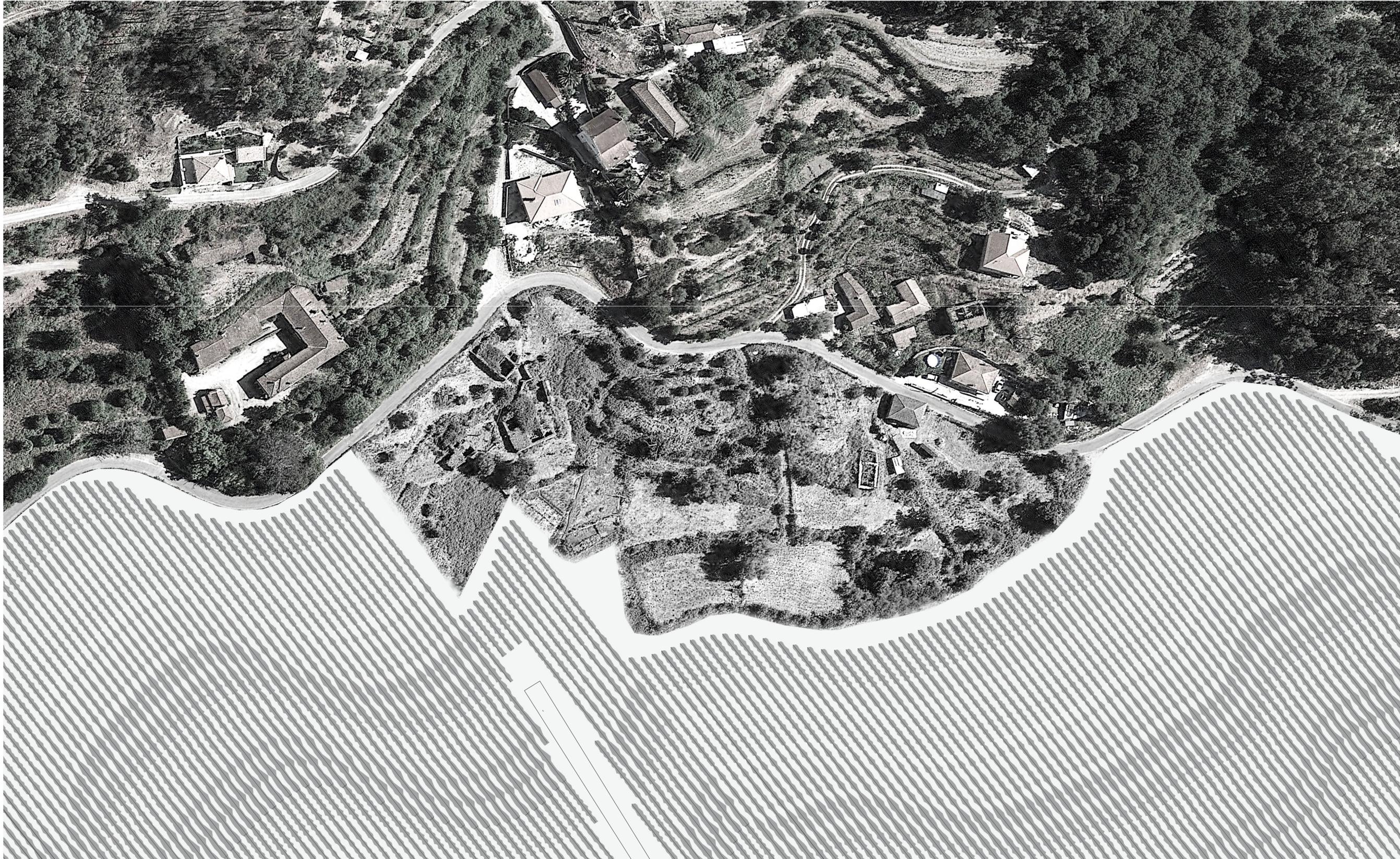


fig. 71 - Ortofotomapa do Lugar



fig. 72 - O Lugar

## ARQUITECTURA E NATUREZA

O Homem sabe desde Copérnico, que não é o centro do Universo e que a natureza existiu antes do homem, e está estrutural e cronologicamente acima dele.

Ao longo do tempo tem reforçado a sua necessidade de integração, esta procura levou na época medieval á introdução dos hortus conclusus, jardins medievais fechados protegidos de possíveis ataques, seja por pessoas ou por animais vadios. Estes espaços continham água, árvores de fruto e todo um ambiente natural, o que permite perceber a necessidade de refugio num local em pleno contacto com a natureza.

Luis Barragán à procura das suas raízes étnicas e culturais ibéricas inspira-se na beleza dos jardins do (Alhambra) e nos jardins enchatés de Ferdinand Bac - Jardins secrets mouriscos que constituem espaços de intimidade com pátios abertos circundados de sebes, esta integração da natureza com o edifício influenciaram a sua concepção dos jardins e do terraço da casa-estúdio. A relação (edifício/ natureza) tem de ser entendido como algo simbólico, e não converter em paisagem os espaços residuais entre os edifícios. A natureza e as suas características, como a textura da rocha; o ruído da água, as diferentes fases da vegetação devem fazer parte da unidade arquitectónica de uma forma natural.

Segundo Barragan na casa Estúdio, o controlo do clima realiza-se por meios simples: utilizam-se as paredes e muros com poucas aberturas ou com espaços intermédios onde flui água, existe vegetação ou simplesmente um pátio cujo tecto é o céu. Desta forma a natureza é importante pois surge entre a natureza e a obra arquitectónica um diálogo poético entre formas minimalistas, a vegetação, a água e o céu, procurando, a harmonia entre as pessoas, as construções e a natureza.

A praça do Diserto em Barakaldo, Bilbao, Espanha projectada por Eduardo Arroyo que depois de uma compreensão das condições ambientais, sociais e climáticas existentes no lugar, resol-

ve o problema do espaço sem qualquer utilidade com uma sequência de espaços com materiais e texturas diferentes, inseridas numa grelha modular de rectângulos, criando um conceito de “floresta em miniatura” no meio urbano, oferecendo uma mancha verde ao quarteirão.

Esta relação entre cidade e floresta controlada por espaços de estar, cria um sentimento de nostalgia pelo passado do Homem.

“Desde o arquitecto. Algo nasce, algo morre... Mas as pessoas se lembram um lugar primitivo, fogos à noite, aço no ar, dormentes e trilhos, carvão preto e água escura tudo flui, e a lembrança daquele estranho amálgama luta para sobreviver no lembrança da paisagem e os homens construir mais uma vez, arquitectos loucos,(...)” *(NO.MAD, 2001: 108)*

A dinâmica da praça é garantida pelas ligações de exterior para o interior e pelos diferentes percursos e núcleos existentes no interior do espaço; a ideia de paisagem selvagem é reforçada através dos relevos existentes dentro de um conjunto de pontos de observação e referência, uns de retenção e outros de passagem, uns lentos e outros rápidos todo eles pensados para satisfazer as necessidades de todas as faixas etárias.

Este espaço natural com vegetação, permite que as estações climáticas iterem um papel importante na transformação do espaço tal como acontece na floresta, transmitindo a sensação de pertença a uma floresta natural e selvagem.

“(…) certamente a população vai criar o seu próprio sistema usando talvez amantes vai esconder nas salas sombrias e o mais velho vai contar as suas histórias se juntou em torno dos salix crianças vão fazer barcos de papel sobre as lagoas de água e buscá-las no outro lado, os skatistas não posso esperar para usar essa topografia engraçada, todo o mundo vai ter alguma coisa para fazer, mas eu realmente não sei.” *(NO.MAD, 2001: 112)*

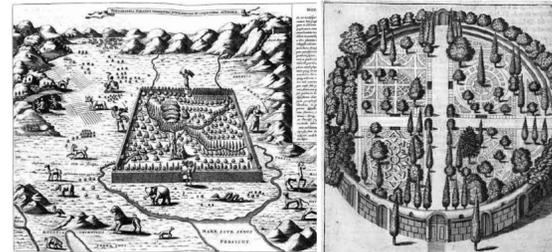


fig. 73 - Hortus Conclusus



fig. 74 - Luis Barragan Casa Estúdio

fig. 75 - Praça do Deserto

## ELABORAÇÃO DA ESTRATÉGIA

Depois do conhecimento teórico do lugar, bem como todas as visitas, obteve-se um conhecimento aprofundado do local de estudo.

O lugar possui 3 ruínas de arquitectura popular Portuguesa, rodeada de uma floresta autóctone e de cultivos tradicionais praticados no local.

As ruínas situadas estrategicamente em diferentes cotas ao longo da topografia, teve contribuído no desenho dos espaços interior e sua funcionalidade. Este conjunto de características remetem-nos para uma marca de identidade do conjunto.

Com a implementação de novas tecnologias no processo de preparação de terrenos para cultivo, os limites anteriores foram apagados e neste momento o contraste entre o cultivo da vinha e o conjunto das 3 ruínas cria um limite visualmente descontrolado necessitando de uma intervenção. Estas foram as razões que levaram a uma análise profunda e elaboração de um projecto de arquitectura que fosse de encontro da necessidade do local.

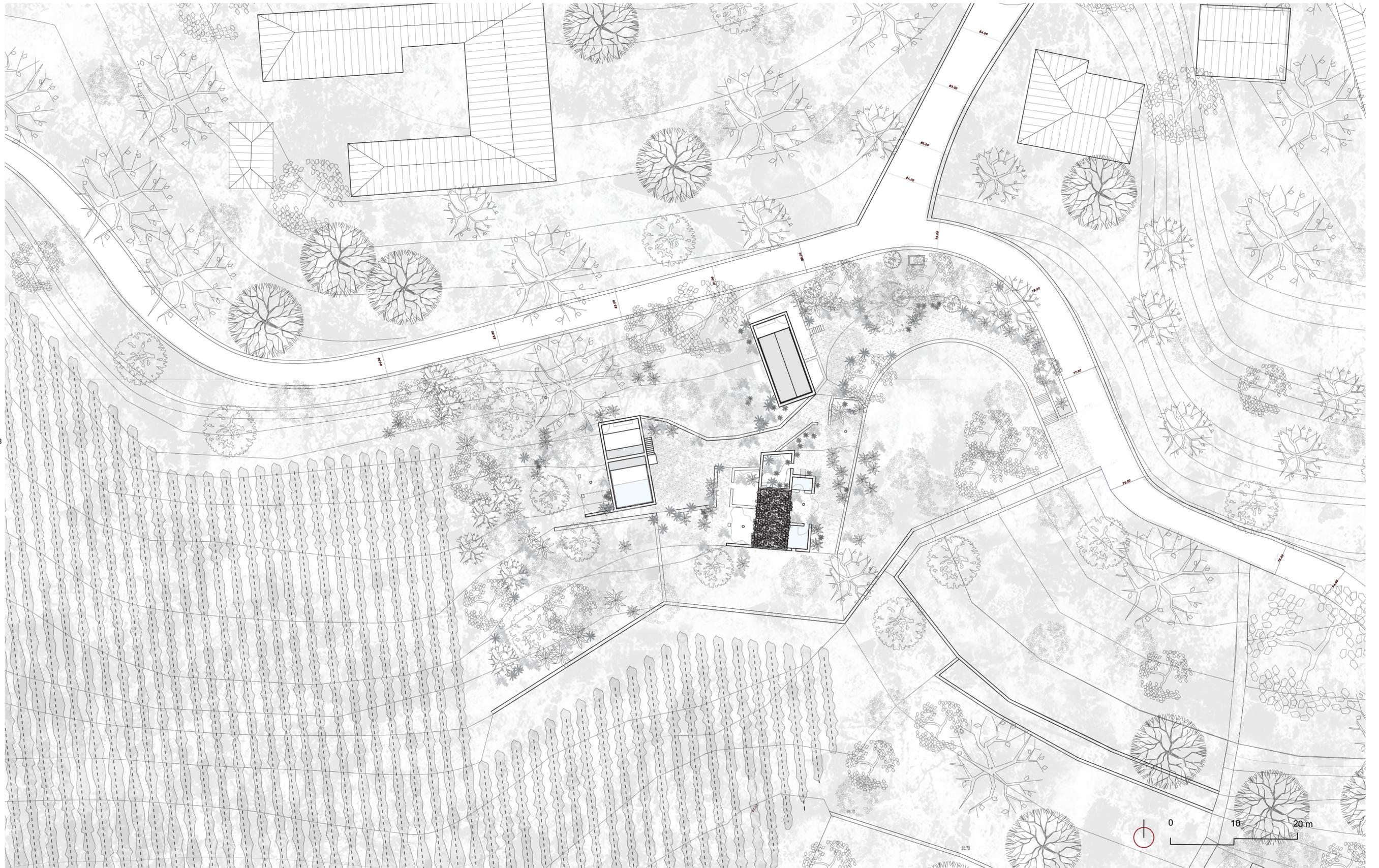
Sendo as ruínas um elemento interessante pela forma como estão actualmente, a sua valorização com algo simples, mas intenso, foi a premissa principal da estratégia.

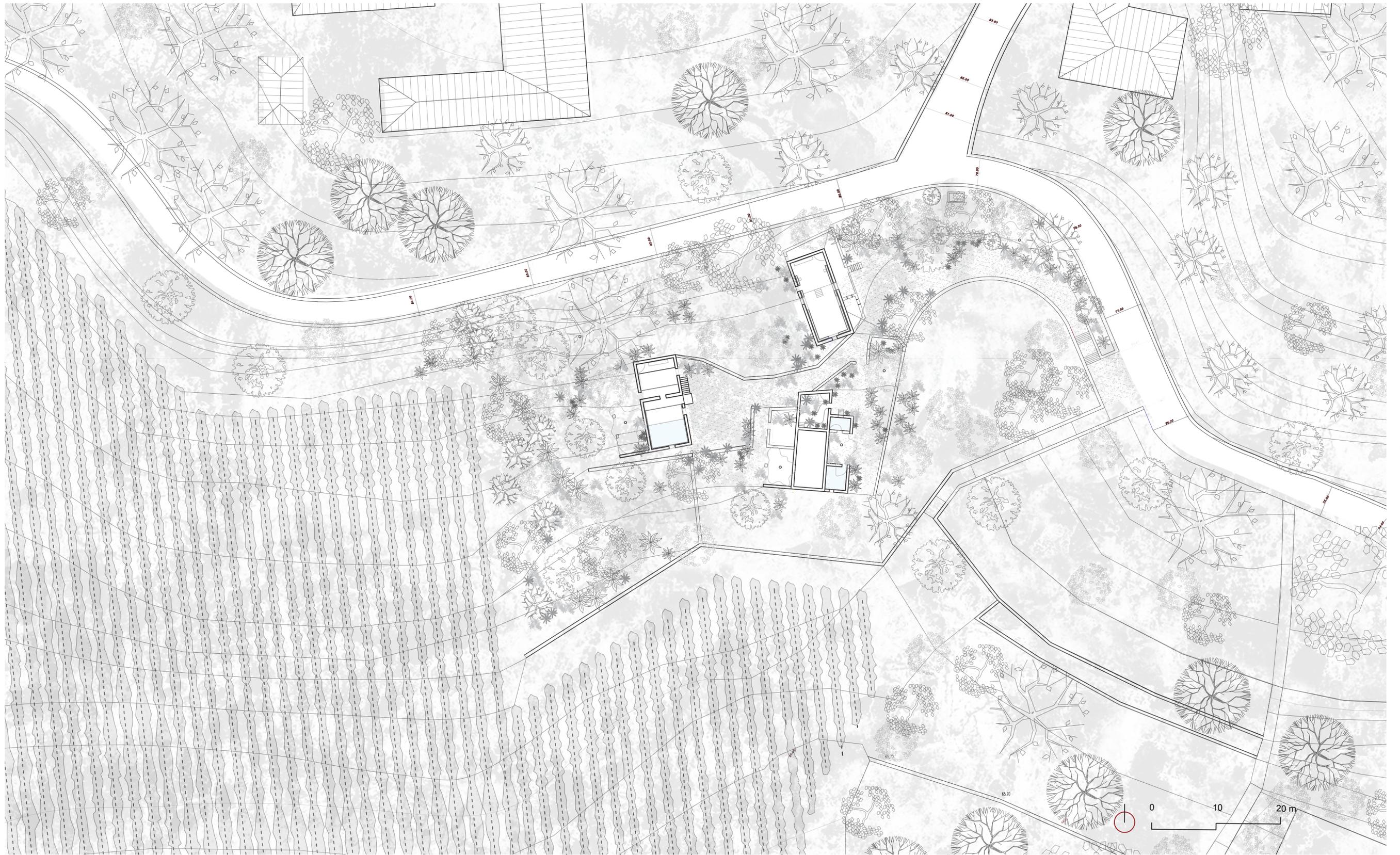
Pretendeu-se dar intensidade à floresta autóctone que rodeia as ruínas, com a introdução de videiras com métodos de condução que nos remetem para a memória do lugar, criando um bosque intenso, em que as ruínas são os únicos pontos de abertura.

Esta abertura proporciona uma valorização das habitações de forma natural, criando pontos de paragem em diferentes ambientes, criando através das características de cada ruína, uma linha de valorização da génese do lugar.



fig. 76 - Axonometria







## MEMÓRIA E LEVEZA

A identidade de um Homem pressupõe a identificação com um lugar e o sentimento de pertença e orientação nele. Devemos ser capazes de receber conteúdos novos sem perder a essência. Estes novos conteúdos correspondem ao “espírito da época” que interage permanentemente com o “espírito do lugar”.

As ruínas contribuíram para parte da vivência dos povos adquirindo, ao longo do tempo, desígnios e simbolismos distintos.

Contudo, as cidades evoluíram com crescente negligência perante esta herança histórico-arquitetónica, deixando um vasto património edificado, descaracterizado e por vezes em ruína, que nos interpela na expectativa de uma intervenção.

A ruína deve ser entendida como a principal peça no desenho da casa. Manter a ruína e pensar numa nova intervenção que a valorize, e que a molde e simultaneamente tire partido dela, oferecendo possibilidades de vivências mais diversas que a anterior tipologia.

A intervenção de Sami Arquitectos na casa E/C inicia com a valorização da ruína e pensar uma casa que tira partido dessas características peculiares, sem que esta perdesse a sua identidade própria. O novo elemento molda-se à ruína no seu interior, oferecendo novas vivências e permitindo novas sensações que a antiga ruína não oferecia.

“No interior das paredes de pedra, foi desenhada com vãos generosos, para entrada de luz e para usufruto da deslumbrante paisagem, que se alinham e por vezes desacertam dos vãos pré-existentes da ruína, recriando enquadramentos e relações com o limite original da casa.” *sami arquitectos*.

Cada Ruína guarda uma memória, uma história, que pode ser contada novamente com novas interpretações.



fig. 77 - Casa E/C Sami Arquitectos

A leveza impulsiona nas ruínas uma valorização e um respeito pelo seu passado.

Nas obras de João Luís Carrilho da Graça, o movimento entre uma linha de limite, em pedra, e os volumes da intervenção que por ela se deixam conduzir, se desacertam ou se alongam, sempre que a necessidade de espaço, ou de uma vista, se impõe.

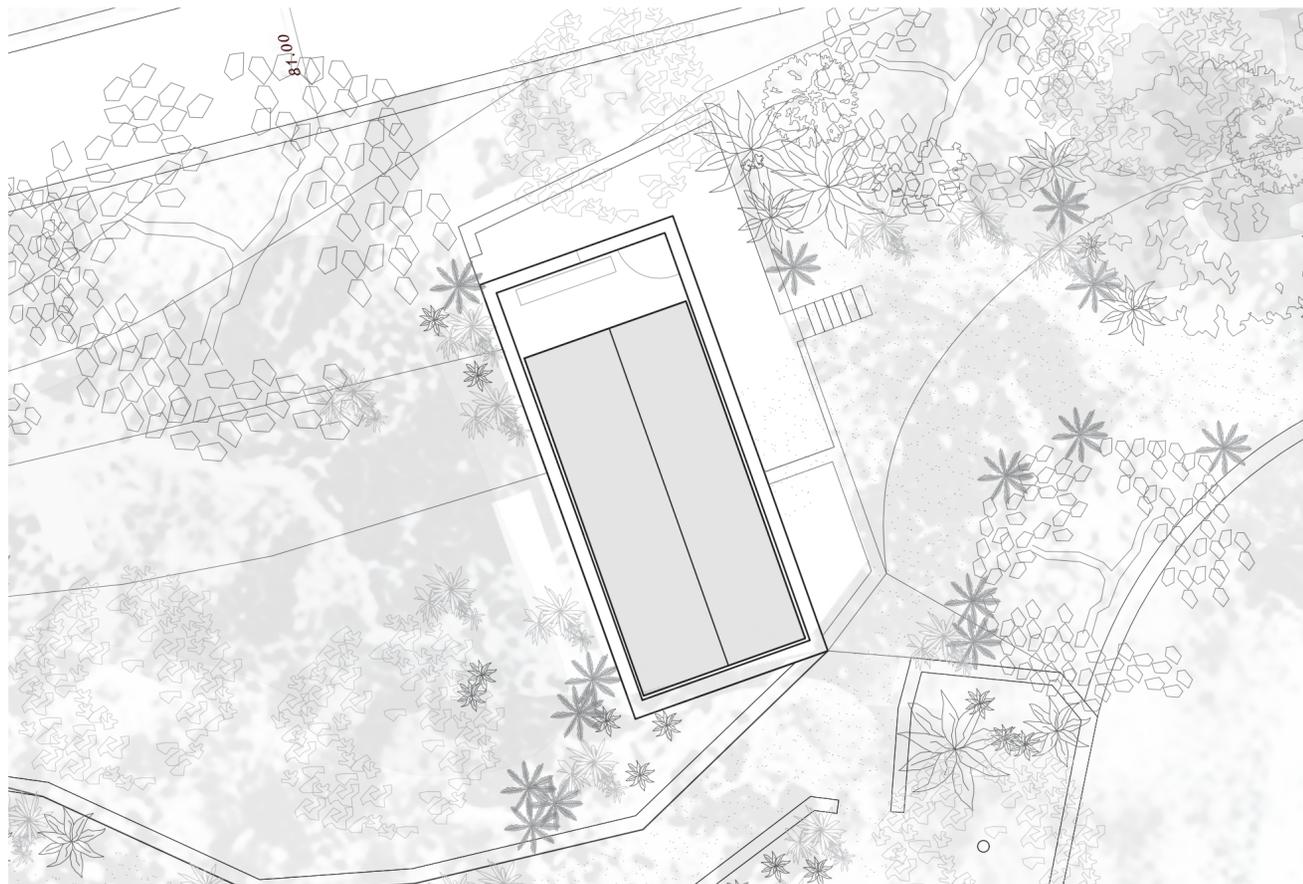
“a arquitectura de Carrilho reporta para “uma levitação majestosa que cria novos nexos e sentidos,(...) imprimindo no território outras leituras, outras hierarquias e outros pontos de vista”.

*Gonçalo Byrne, Estranha Ligeireza, in Carrilho da Graça, Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 1995, p.6, tradução livre.*

A sua forma de projectar é extremamente tectónica, ao mesmo tempo que consegue ser plástica e abstracta. Este pensamento torna-se indissociável do seu processo construtivo.

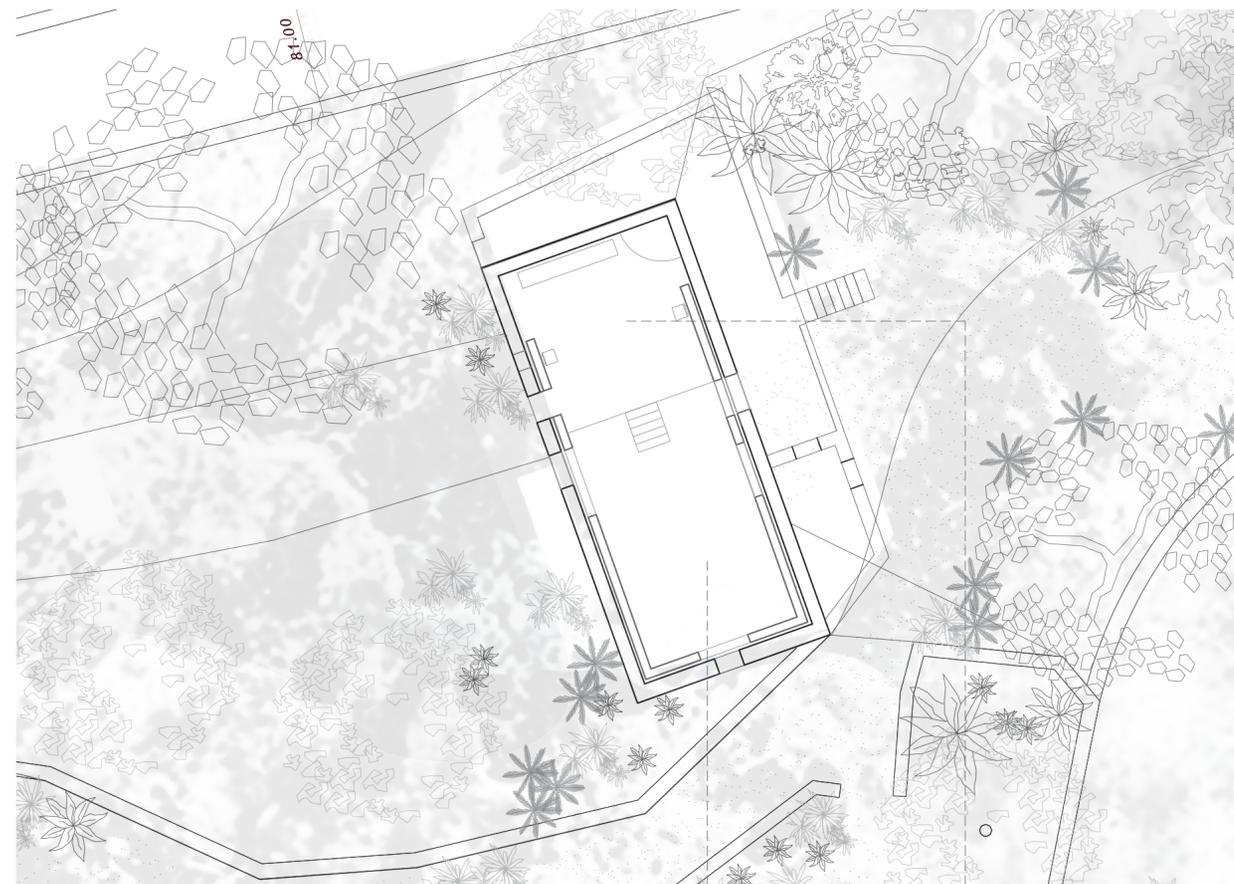
“a arquitectura é ao mesmo tempo, um processo de construção, de conhecimento e de comunicação”.

*“Entrevista de António Jiménez Torrecillas a João Luís Carrilho da Graça: La poesia de lo pragmático, una conversación con João Luís Carrilho da Graça”, El Croquis nº 170, 2013, p. 26, tradução livre.*



Planta Cobertura

Escala 1/100



Planta Interior

Escala 1/100

Espaço de contemplação da ruína

Espaço de estar

A ruína que confronta com a via pública, apresenta uma arquitectura que nos remete para as casas de lavoura, apresentando actualmente uma série de alterações praticadas ao longo do tempo, que levaram à perda da sua forma original.

As diferentes estereotomias observadas na pedra granítica, marcam as diferentes épocas e costumes que foram praticados na cultura do lugar, marcas que neste momento fazem parte da história da ruína.

O projecto pretende evidenciar essas marcas temporais, construindo no seu interior um novo abrigo em que as aberturas dos vãos são as alterações impostas na ruína.

Numa cota superior, foi introduzido um pátio na antiga cozinha, e dois assentos em estrutura metálica suspensos na parede, reactivando a memória das antigas namoradeiras que tinham sido apagadas numa intervenção anterior.



Espaço de contemplação da Ruína



Espaço de Contemplação da Ruína

## COR E LUZ

A utilização da cor na Arquitectura, evidencia uma expressão dos seus espaços.

Esta conjugação da cor do espaço com a sua geometria, luz e escala provoca uma verdadeira poesia harmónica. Texturas monocromáticas saturadas constituem paletas minimalistas que provocam assombro e êxtase.

Steven Holl, em Questions of perception, fala que o uso da cor na arquitetura está muito ligado à luz que incide sobre a superfície arquitetónica, cada local adquire uma cultura e experiência de cor consoante a incidência da luz natural.

No México é costume utilizar a pintura das fachadas com cores fortes e garridas como amarelo, laranja, vermelho ou azul, para que a forte luz perca intensidade e equilibre a relação com a poeira sempre presente e esvoaçante.

“A cor serve para alargar ou diminuir um espaço, mas também consegue acrescentar um toque de magia, precioso em qualquer local. Geralmente defino a cor quando o espaço está já construído. Nessa altura, visito frequentemente o local a diferentes horas do dia, e começo a “imaginar a cor”, a criar as cores, mesmo as mais loucas e incríveis. Debruço-me então sobre os livros de pintura, sobre a obra dos surrealistas, especialmente Chirico, Balhus, Margritte, Delvaux e Jesús Reyes Ferreira. Vejo e revejo as páginas, observo as imagens e as pinturas e, de repente, identifico uma cor que tinha imaginado( ... )” ( *BÉNARD-GUEDES, 1995* )

A cor é uma característica que está patente em toda a obra de Luis Barragán: é aplicada sobre as superfícies dos muros e das paredes, evoca diretamente uma das componentes mais sugestivas da arquitetura popular mexicana. As cores empregues são apropriações das cores populares da cidade do México: rosas, carmins, vermelhos, lilases.

A disposição e conformação dos muros e paredes obedecem a um princípio, no emprego da cor ocorre algo de semelhante, levantando a premissa de que nem tudo é deixado à sorte. A cor é utilizada sobre grandes superfícies e dispõe-se sobre elementos claramente diferenciados, as arestas, os ressaltos, o tecto ou o chão. Toda a parede ou muro é apropriado pelo pigmento de forma idêntica não existindo cores diversas.

Este processo de escolha da cor nos edifícios, com uma certa ideologia liga o objecto a uma época, a um grupo de pintores e ao próprio sítio.

Nas primeiras obras predomina a cor branca, iniciando a utilização da própria cor tradicional mexicana em certos pormenores como remates, tectos e telhas sendo utilizados pigmentos como o dourado, o vermelho, a cor de café.

Barragan diversifica a sua paleta de cores, até então limitada ao vermelho, ao azul e ao branco, rapidamente se vê enriquecida com vibrantes matizes de amarelos, rosas, fúchsia, escarlates e púrpuras (próprios das festas e trajes tradicionais mexicanos, com uma influência directa de “Chucho” Reyes).

Como refere Borja Carreras Moysi (RISPA, 1996) a cor utilizada na obra de Barragán é uma cor mutável em função do seu estado de espírito, uma metáfora dos seus estados de alma.

Nunca utiliza o verde (pois para isso existem as plantas), mas o branco, laranja, azul, rosa, vermelho e negro (para ocultar o fundo dos lagos), isto é, usa as cores como luz e memória das paisagens por onde viajou.



fig. 78- Casa Estúdio



fig. 79 - Fondazione Prada

A luz revela as formas arquitetónicas e os espaços produzidos por elas, mas também os significados e as intenções que atravessam os processos de conceção, construção e vivência da arquitetura.

Constitui um elemento de importância primordial que manifesta a sua virtualidade configuradora das formas: sem a luz não é possível valorizar as massas, os espaços ou as superfícies. É a luz que guia os nossos impulsos e movimentos.

A casa-estúdio de Barragán foi um laboratório de experimentação de luz, que guia os nossos impulsos e movimentos. Essa luz provoca sequências espaciais, preparam-nos para alterações perceptuais que são sempre indirectas e lentas, mágicamente reveladas através da percepção sensorial, Barragán compõe os seus espaços mediante a iluminação natural, para realçar e valorizar a geometria de seus espaços.

A intensidade da luz chega a modificar radicalmente o carácter da arquitectura, onde existe luz, o espaço arquitectónico fica configurado, faz-se luz porque a textura encontra a sua própria expressão, a resposta ao clamor do seu próprio material que ansiava converter-se em forma, o significado e o seu valor simbólico manifestam-se na unidade do facto arquitectónico.

Na reforma e ampliação da Capela das Capuchinhas Sacramentarias do Puríssimo Coração de Maria em Tlalplan, Barragán apresenta um desenho irregular, totalmente assimétrico, em que introduz um elemento novo no seu vocabulário formal: um elemento em ângulo agudo (a diagonal da luz). Cria uma variedade de espaços com aspectos e funções diferenciados em que a simplicidade e os materiais são uma resposta ao carácter de clausura da ordem religiosa.

No interior da capela, os materiais austeros e as formas adquirem tonalidades ricas, graças ao uso da cor e dos efeitos de luz natural. Desta forma, os pontos de luz ocultos, as cores quentes, o dourado e as proporções sóbrias, evocam o sagrado.

A luz não só modela o espaço como também impõe relações vitais, isto é, direções, tensões e ritmos. A luz permite converter o espaço num campo de forças, que manifesta não só as suas massas como também a sua energia.

“A luz é um material muito especial no trabalho arquitetónico. É o único que não está submetido à força da gravidade. É gratuito. Muda constantemente provocando sombras e cores em movimento e não envelhece, é sempre original.”

*RAMOS, Elisa Valero. La materia intangible - reflexiones sobre la luz en el proyecto de arquitectura. Ediciones Generales de la Construcción, novembro 2009, pag.47*

A luz não é somente um agente da claridade servindo para iluminar as formas: é capaz de forjar um contínuo espacial, de expor e clarificar um volume de modo a expandir a sua objectividade.

Rhem Kholllhas na intervenção da Fondazione Prada, procura dar valor a um elemento industrial em forma de torre, que encontrava-se com uma aparência que não realçava o verdadeiro valor do elemento numa procura de o valorizar. Kholllha utiliza a cor dourada.

A sala de exposições dourada é o ponto focal central da Fondazione. Chamada de Haunted House (Casa Assombrada), as características utilitaristas em branco da estrutura estão cobertas de folhas de ouro, uma extravagância ostensivamente espontânea que Koolhaas pós-racionaliza em bases funcionalistas.



Planta Cobertura

Escala 1/100



Planta Interior

Escala 1/100

Espaço de reflexão

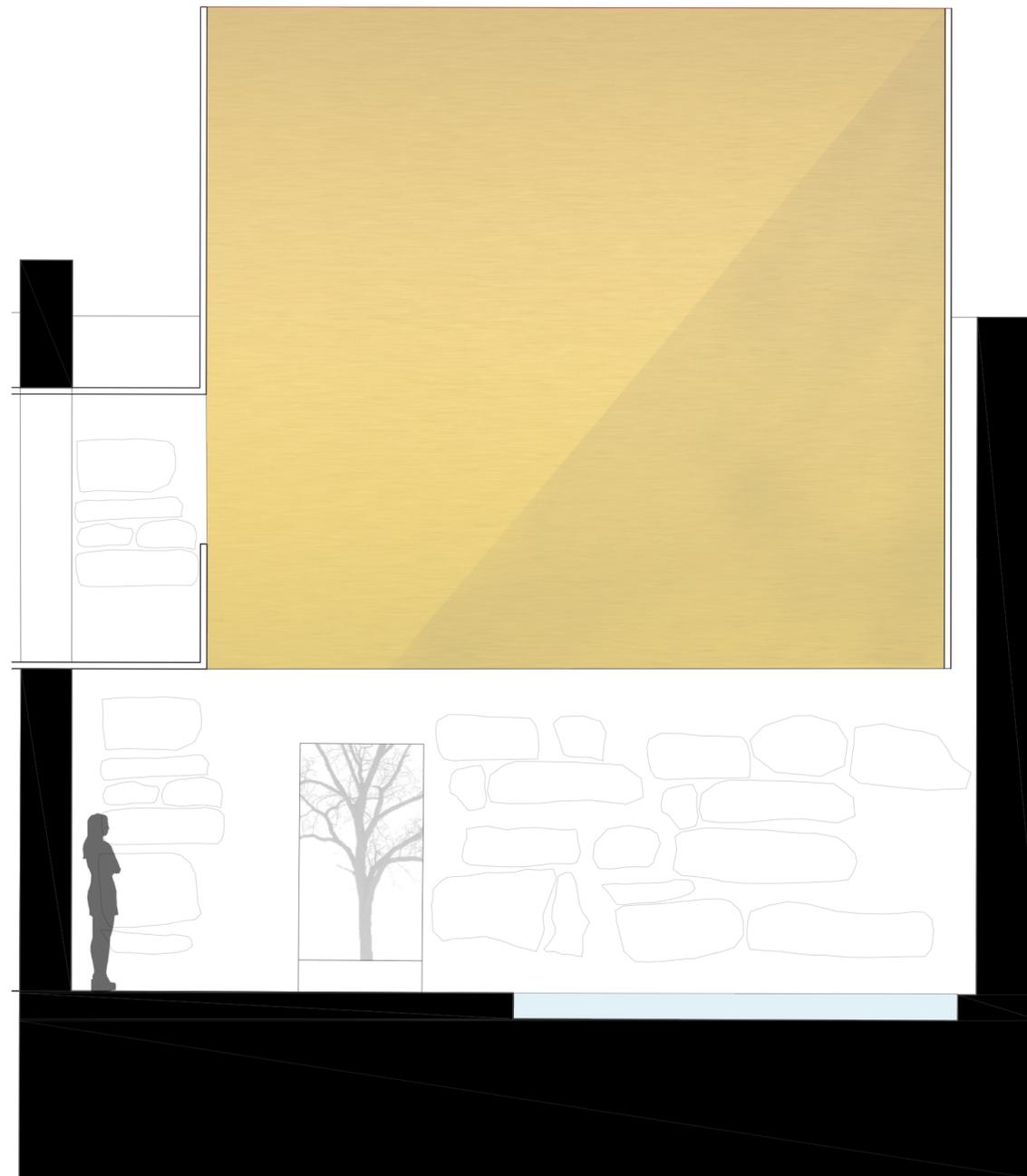
Numa cota inferior a ruína é marcada por um alçado imponente com estereotomia granítica com algum rigor e detalhe que nos remete para que esta ruína fosse a principal do conjunto.

Na sua constituição apresenta dois espaços, o antigo armazém e a corte no piso inferior e no piso superior à cozinha e os quartos.

Na proposta de projecto é criado um espaço central, através de uma estrutura em latão para assim sobressair a sua cor dourada, e criar um elemento visualmente imponente e contemporâneo.

O espaço pretende provocar diferentes jogos de luz ao longo do ano, permitindo incidências de luz directas e indirectas criando ambientes únicos no seu interior, com a principal função de ser um espaço de meditação. A sua verticalidade acentua a importância da ruína no conjunto das restantes,

A ligação dos dois espaços internos à ruína é feito por uma estrutura em aço permitindo um percurso no seu interior de forma a contemplar a ruína.



Espaço de Reflexão



Planta Cobertura

Escala 1/100



Planta Interior

Escala 1/100

Esta ruína remete-nos para a memória do cultivo da vinha na região, e pretende reactivar as formas e costumes do cultivo.

A proposta pretende criar um espaço central, com uma estrutura na cobertura com vinha da casta (vinhão) e remeter á memória das vinhas de ramada tradicionais da região do Minho.

Na cota de chegada da ruína foi criado um espaço que pertencia à antiga cozinha, onde foi introduzido um jardim de vinhas com videiras de castas Loureiro e Arinto.

Estes espaços permitem ao longo do ano diferentes ambientes formados pelas diferentes estações do ano.

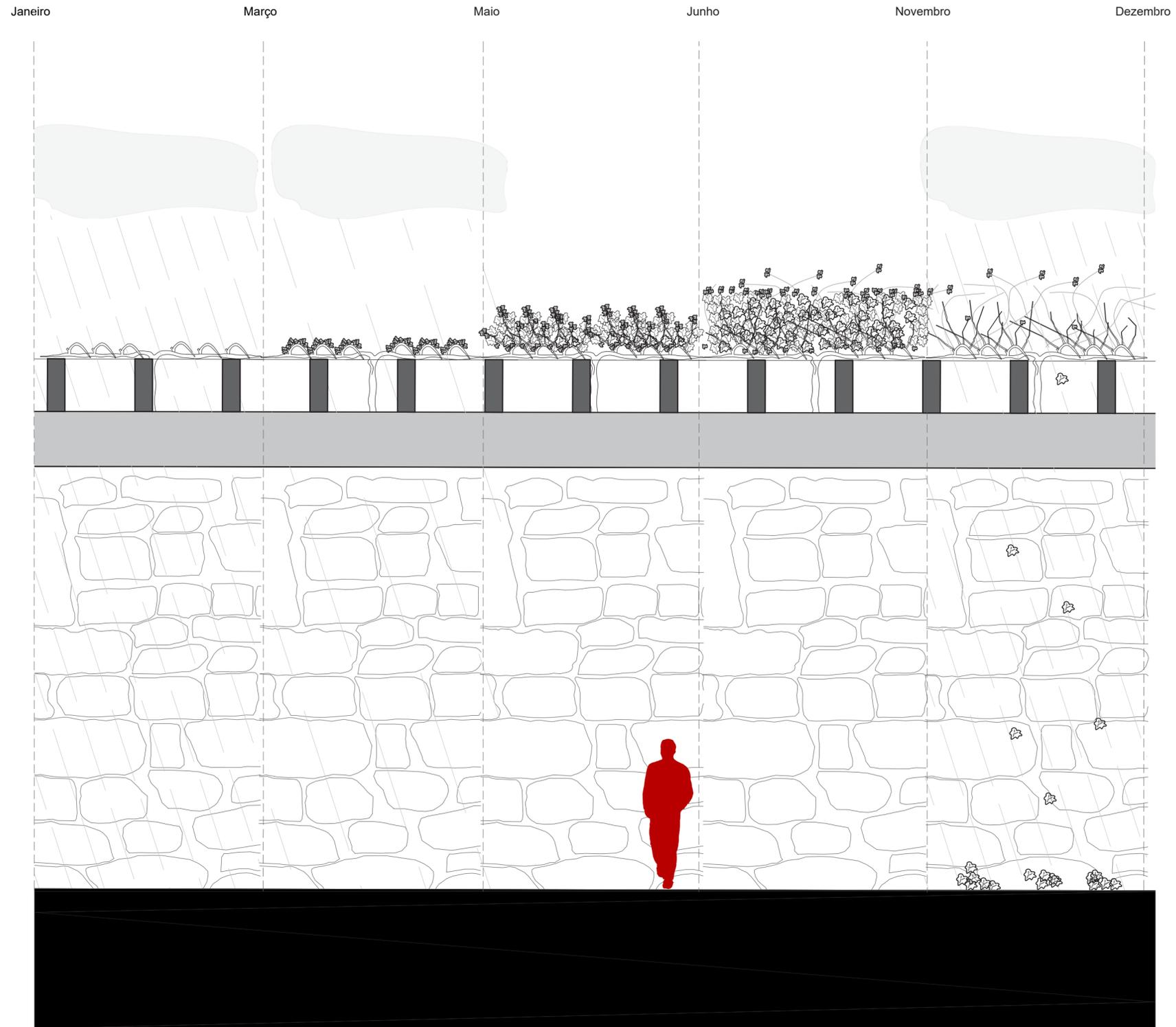
Nos antigos espaços de arrumos foram criados dois espaços de água, para criar um ambiente húmido e permitir leveza ao maciço granítico constituído pela ruína.

Espaço de floresta autocne

Espaço de contemplação das vinhas

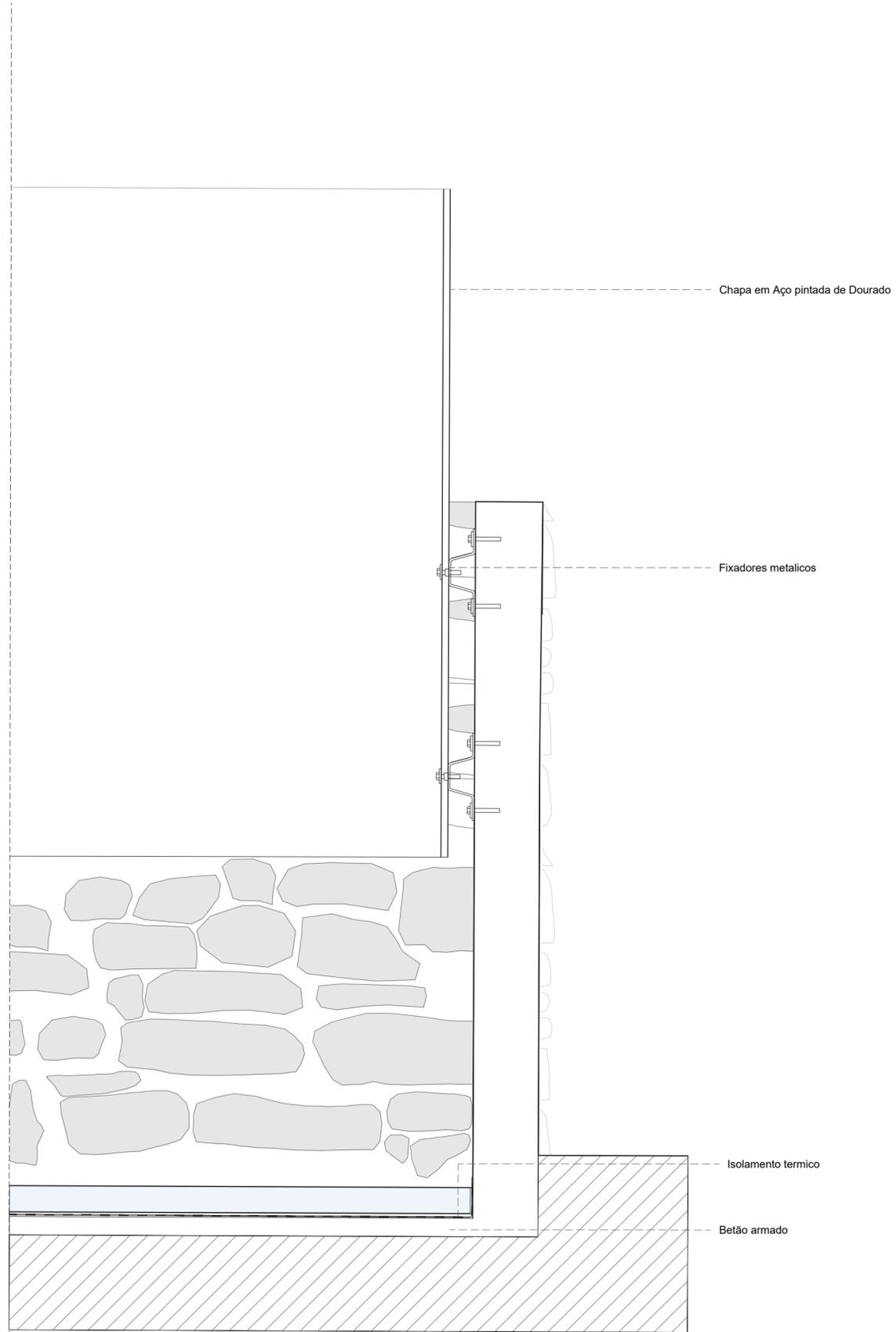
Jardim de vinhas

Espaços de água









Betão armado Branco

Barra de Aço

Chapa de Aço

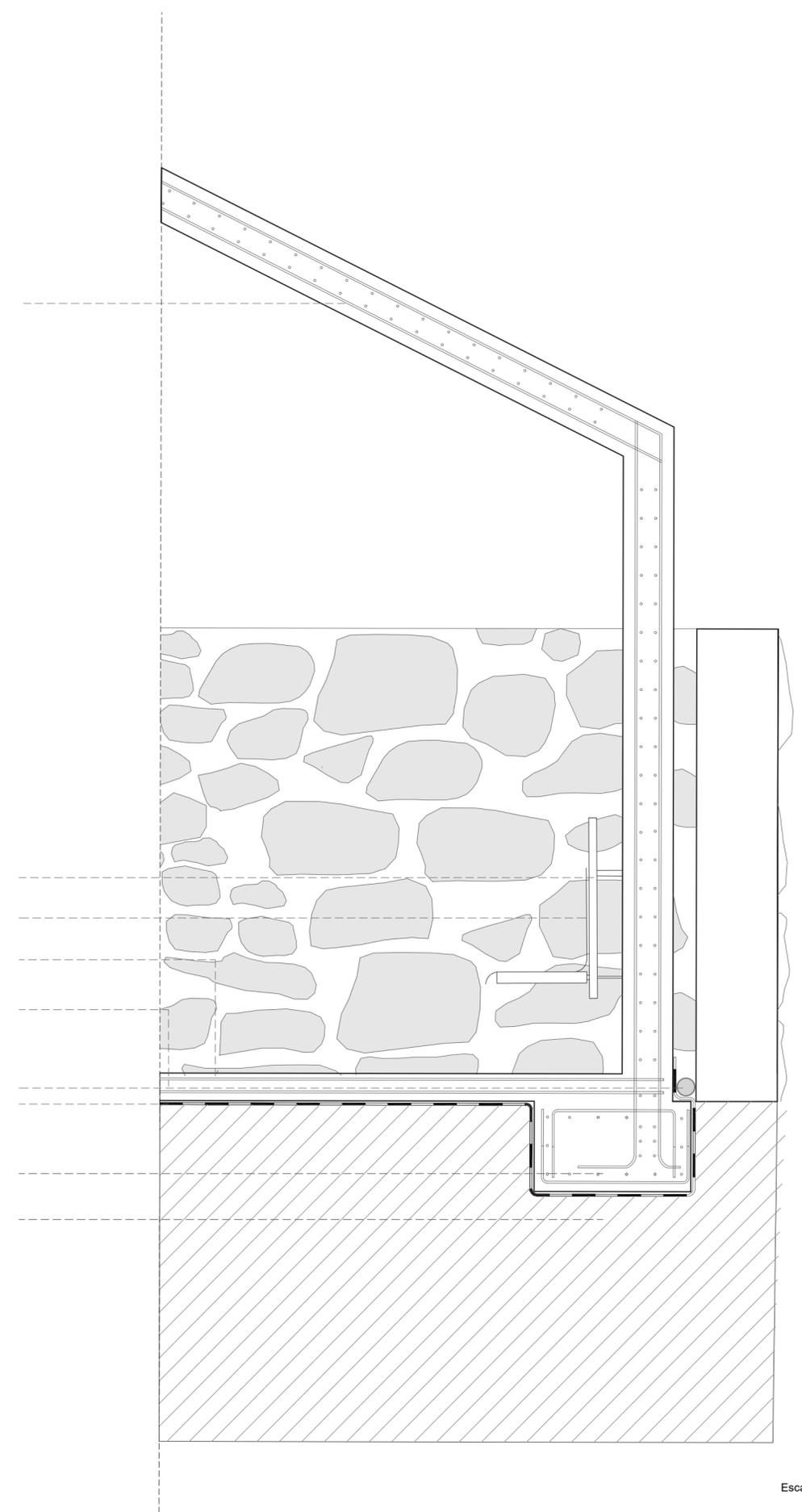
Betonilha afagada

Betão armado

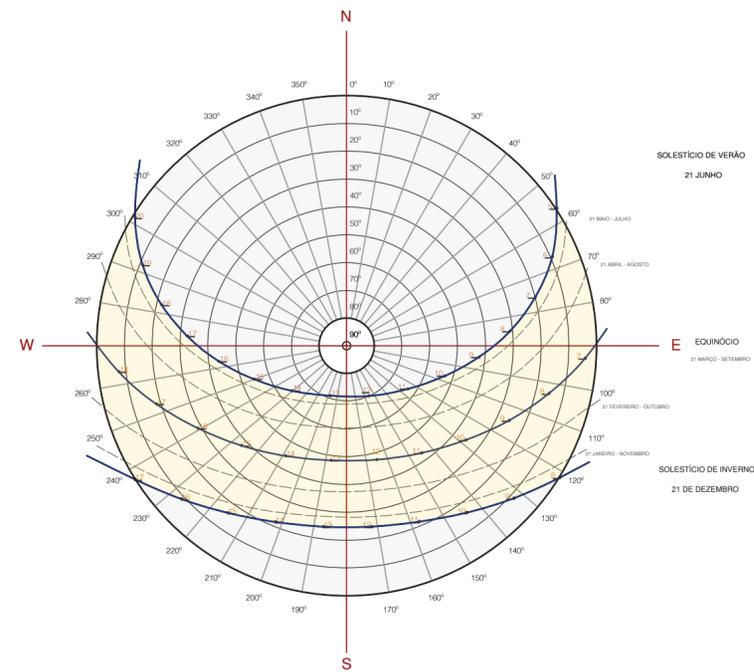
Dreno  
Isolamento térmico

Sapata

Brita



## DIAGRAMA SOLAR



### Diagrama Solar do Norte de Portugal

Latitude : 41.8104402 ( 41° 48' 37.585" N )

Longitude: -368.4541297 (368° 27' 14.867" W )

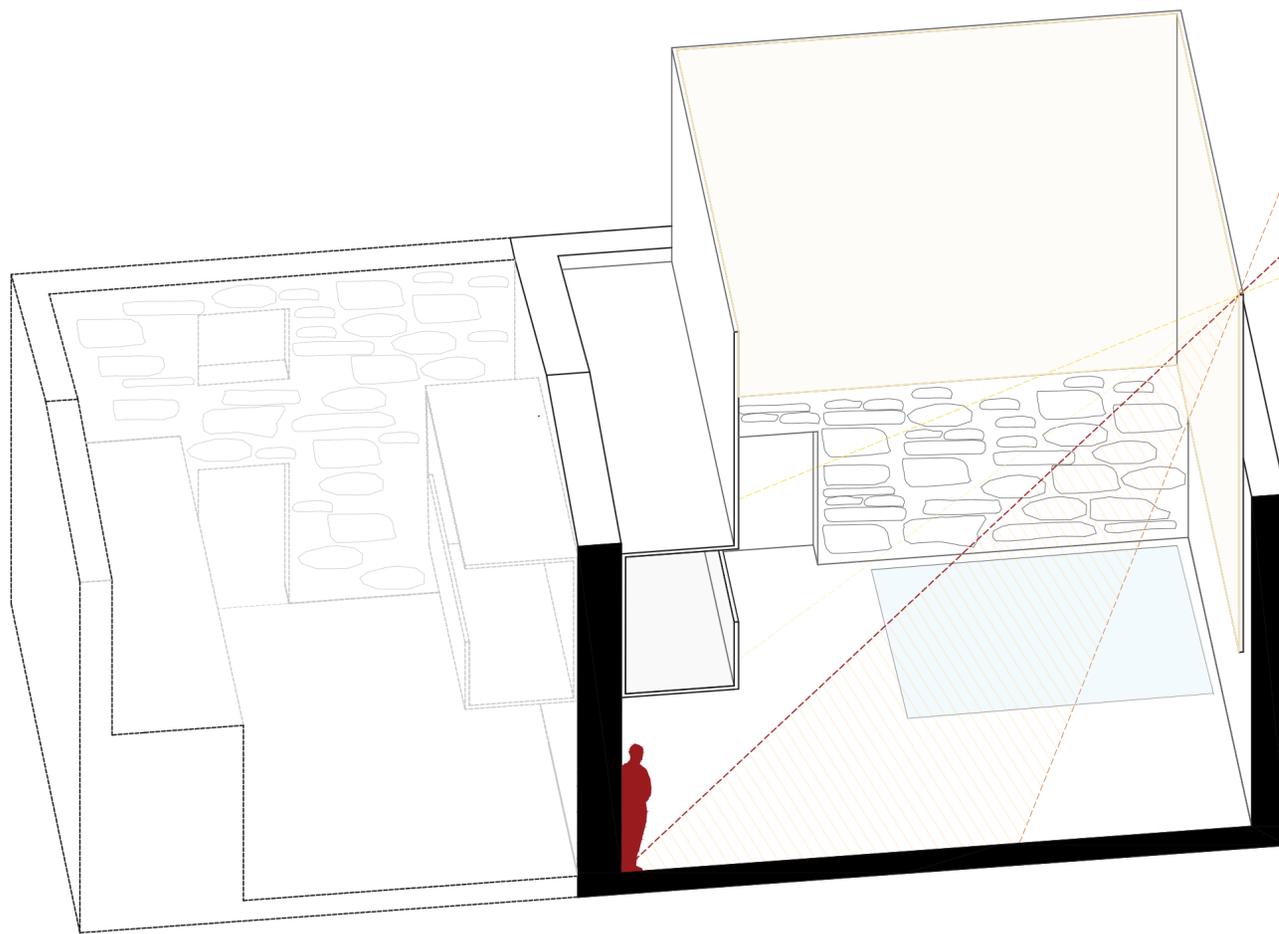
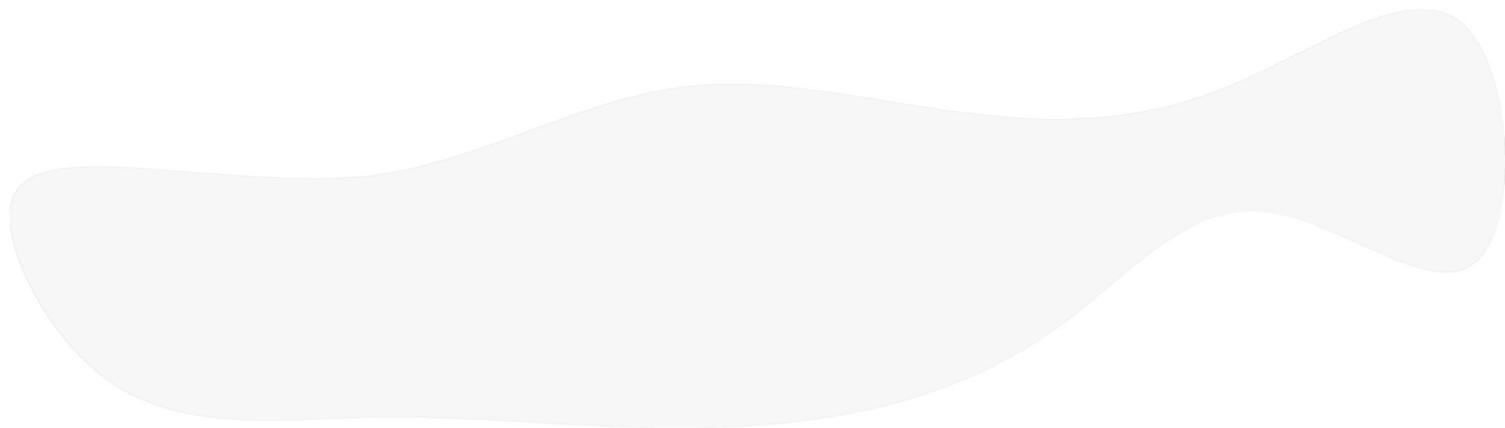
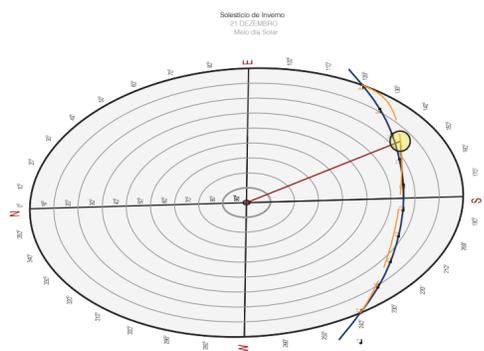
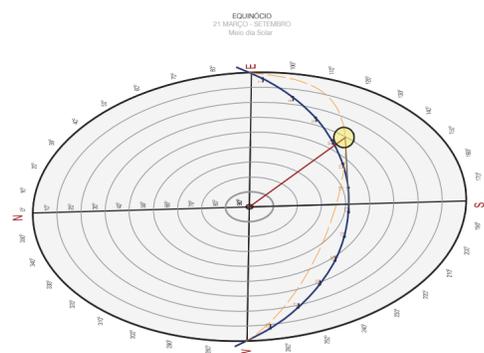
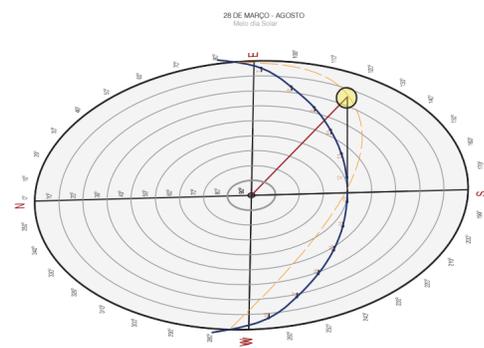
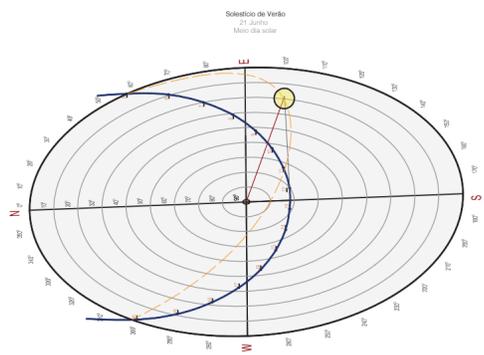
Este Diagrama Solar inclui a mudança de hora, em Portugal, em conformidade com a legislação, adiada 60 min. às 1:00h de 30 Março, e trasada 60 min. às 2:00 h de 27 Outubro.

Fonte: SunEarthTools.com

A iluminação natural é importante nos espaços Arquitectónicos, formando ambientes únicos que mudam gradualmente ao longo do tempo conforme a rotação da terra.

A utilização da luz no espaço de reflexão, teve como premissa principal a utilização do diagrama solar, para desenhar o espaço e criar sensações de acordo com a orientação solar.

O espaço é acentuado verticalmente por um elemento em aço pintado de dourado tornando o espaço mais iluminado e enaltecendo a morfologia da ruína.



Solstício de Verão  
21 Junho

28 de março - Agosto

Equinócio  
21 Março - Setembro

Solstício de Inverno  
21 Dezembro

Norte

Plano de Luz

Sul

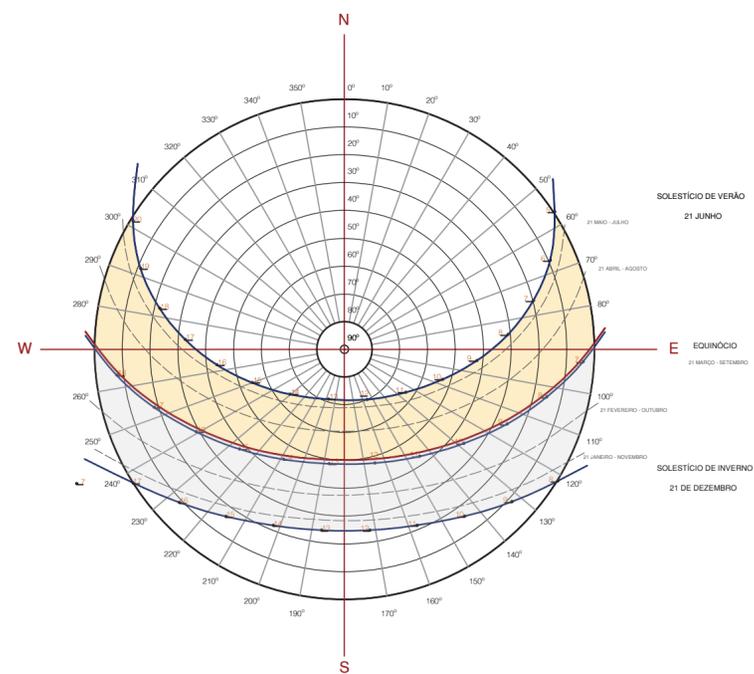


Diagrama representativo da luz directa e indirecta

Através do diagrama solar, foi permitido a iluminação directa e indirecta do espaço, entre 21 de Dezembro a 27 de Março a iluminação é feita indirectamente no espaço de reflexão, a radiação incide sobre as paredes graníticas da ruína, e entre 28 de Março e 21 de junho a iluminação é feita directamente no solo.

**CONCLUSÃO / BIBLIOGRAFIA**



fig. 80

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem global à região do Minho permitiu aferir que o território passou por um longo período de transformação, todas as características que hoje conferem ao Minho uma beleza, são fruto de um processo de evolução marcado por uma forma de adaptabilidade às circunstâncias das várias épocas.

Essas marcas são visíveis nas formas de cultivo, que tiveram uma evolução gradual ao longo do tempo. No caso em concreto da vinha, o tipo de videira, a forma de cultivo, o lugar de plantio, todos esses factores que definem o Terroir do lugar, tinham peso na decisão dos agricultores locais, pois o trabalho árduo do campo exigia boas escolhas antes de qualquer prática agrícola. Nas infraestruturas de apoio, o processo de adaptabilidade é idêntico, as diferentes tipologias foram criadas de forma a acompanhar a evolução do cultivo.

Esta simbiose Cultivo/Habitação sempre funcionou em conjunto, e devido a factores de êxodo rural, novas técnicas agrícolas, novas formas de cultivo, levou a uma dissociação conduzindo ao abandono de ambos.

Assim desta forma a presente investigação vem sustentar o exercício de projecto que incide na reactivação de um conjunto de 3 ruínas enraizadas na cultura do Minho, com conjunto de elementos que melhor caracterizam a identidade do lugar.

Sendo por isso importante que toda a sua história seja valorizada, e é nesse sentido que o projecto incide, reativando a memória do lugar.

O projecto pressupõe um raciocínio, o lugar, a matéria e o tempo foram os elementos adoptados como estratégia de pensamento arquitectónico de forma a construir uma hipótese de intervenção que procura compreender a estrutura das ruínas e a sua importância enquanto marcas de identidade.

Desta forma, a opção projectual para o lugar foi a criação de um conjunto de espaços que potencializam as características de cada ruína, criando um ambiente de memória que nos leve para as origens do lugar e que nos faça compreender os costumes e vivências da região do Minho.

O projecto permite unir características do Terroir do lugar com as características arquitectónicas que melhor identificam a região do minho fazendo com que desta forma parte da cultura ligada ao cultivo de vida como também Arquitectónica não se perca.

Ao analisar o património construído da casa rural, construções de sucessivas adições e subtrações resultado das necessidades programáticas, tentou-se que as novas adições se conjugassem com as existentes, utilizando novos materiais e, criando espaços únicos.

A natureza como forma de união das 3 ruínas veio fortalecer e intensificar os espaços criados no interior de cada ruína, permitindo uma valorização de forma simples o conjunto e com isso fazer o transporte temporal para as origens do lugar.

## BIBLIOGRAFIA

### Livros

- Arquitectura Popular em Portugal. 4º ed. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004;
- NORBERG-SCHULZ, Christian. Genius loci. Towards a phenomenology of architecture. Londres, Academy Editions, 1980;
- NORBEG-SCHULZ, christian. 1965. Intentions in Architecture. Cambridge. MIT Press;
- CARY, Francisco Caldeira, Paisagem e Agricultura, in Paisagem, Lisboa: Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, 1994;
- TELLES , TVINHOS COM TERROIR - Uma ligação entre Natureza e Civilização;
- D' ABREU, Alexandre Cancela; CORREIA Teresa Pinto; OLIVEIRA Rosário - Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal continental. Lisboa: Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, 2004;
- ABREU, Alexandre Cancela; CORREIA, Teresa Pinto; OLIVEIRA, Rosário - Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental - Volume V, Universidade de Évora, DGT, Lisboa, 2006;
- DETHIER, Jean - Bordeaux Porto. História e Renovação das Arquitecturas do Vinho. Câmara Municipal do Porto, Porto,1998;
- MATTOSO, José; DAVEAU, Suzanne; BELO, Duarte - Portugal, o sabor da terra - Um retrato histórico e geográfico por regiões. Temas e Debates, Lisboa, 2011;
- RIBEIRO, Orlando, - Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico / Orlando Ribeiro. - Coimbra : Coimbra Editora, 1945;
- PALLASMAA, Juhani - Los ojos de la piel. La arquitectura y los sentidos. Gustavo Gili, Barcelona, 2006;
- RIBEIRO, Orlando - Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Coimbra, 1945. 8ª Edição, Letra livre, Lisboa, 2011;
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - Arquitectura tradicional portuguesa. 5º ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2003;
- MEDEIROS, Carlos A. - Geografia de Portugal - Ambiente Natural e Ocupação Humana - Uma Introdução, Lisboa , Editorial Estampa, 2006.

### Dissertações

- SILVA VELOSO, Nuno Filipe - Arquitectura do vinho : A adega e a paisagem vitivinícola do Alto Douro Vinhateiro, o.p. Elisiário Miranda. Universidade do Minho, 2013;
- PRATA TAVARES, João Manuel - Videmonte: Arquitectura como revitalização entre o Homem e o seu Território, Universidade de Évora, 2015;
- SILVA MARTINS, João Migue - A Arquitectura do Olival : Monte do Benjoim em Alqueva, Universidade de Évora, 2015;
- PIRES DE AMORIM, Mariana Souza -O novo brutalism de Alison e Peter Smithson: Em busca da ordem espontânea da vida, Universidade de Rio de Janeiro, 2008.

### Artigos

- PEDRO, Marta - Land Arch Construir Paisagem. Revista NU nº2 - Lugares, Coimbra, Maio de 2002;
- SALGUEIRO, Teresa Barata - Paisagem e Geografia. Revista Finisterra nº 72, vol. XXXVI, Centro de Estudos Geográficos. lisboa, 2001;
- ARANHA, Maria do Rosário, CHAVES, Luis - O que é a Paisagem?, entrevista a Gonçalo Ribeiro Telles. Jornal Pessoas e lugares nº16, Lisboa, Janeiro/Fevereiro 2004
- ALVES, Teresa- Paisagem- Em busca do lugar perdido. Revista Finisterra nº72, vol XXXVI, Centro de Estudos Geográficos, lisboa, 2001.

### Web sites de apoio

- [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912017000200008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000200008)
- [https://revistaadega.uol.com.br/artigo/voce-sabe-qual-o-significado-de-terroir\\_2655.html](https://revistaadega.uol.com.br/artigo/voce-sabe-qual-o-significado-de-terroir_2655.html)
- <http://www.jantrendman.com/en/trends/fondazione-prada-golden-tower>
- <http://www.grandtourmagazine.com/torre-fondazione-pradas-milan-venue-now-complete/>
- <https://asdistancias.com/2018/05/23/fundacao-prada/>
- <https://por.architecturaldesignschool.com/rem-koolhaas-prada-87115>

### Aquivos Municipais

- Arquivo Municipal dos Arcos de Valdevez

## ÍNDICE DE IMAGENS

FIGURA 1 - Calvos  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 2 - Terroir  
Fonte: Fotomontagem do autor

FIGURA 3 - Vinha do enforcado  
Fonte: Artur Pastor

FIGURA 4 - Ortofotomapa do Minho  
Fonte: Fotomontagem do Autor

FIGURA 5 - Mosaico agrícola do Minho  
Fonte: Fotomontagem do autor

FIGURA 6 - Arquitectura vernacular Minhota  
Fonte: Fotomontagem do autor

FIGURA 7 - Mapa topográfico  
Fonte: Fotomontagem do autor

FIGURA 8 - Mapa de ocupação dos solos  
Fonte: Fotomontagem do autor

FIGURA 9 - Mapa geológico  
Fonte: Fotomontagem do autor

FIGURA 10- Mapa hidrico  
Fonte: Fotomontagem do autor

FIGURA 11 - Mapa arquitectónico  
Fonte: Fotomontagem do autor

FIGURA 12 - Mapa climatológico  
Fonte: Fotomontagem do autor

FIGURA 13- Mapa de fruteiras  
Fonte: Fotomontagem do autor

FIGURA 14 - Mapa florestal  
Fonte: Fotomontagem do autor

FIGURA 15 - Mapa dos cultivos  
Fonte: Fotomontagem do autor

FIGURA 16 - Mapa das Castas  
Fonte: Fotomontagem do autor

FIGURA 17- Vinha de ramada  
Fonte: Artur Pastor

FIGURA 18 - Cartzes de propaganda impostos pelo regime de salazar  
Fonte:

FIGURA 19 -Rooftop Reds  
Fonte:

FIGURA 20 - Latada  
Fonte:

FIGURA 21 - Cordão Simples  
Fonte:

FIGURA 22- Vinha de ramada  
Fonte: Artur Pastor

FIGURA 23- Compasso de plantação  
Fonte: Fotomontagem do autor

FIGURA 24 - Ilustração  
Fonte: Fotomontagem do autor

FIGURA 25 - Preparação do terreno  
Fonte:Fotografia do autor

FIGURA 26 - Terraplanagem  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 27 - Plantação  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 28- Montagem da vinha  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 29 - Rega  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 30 - Sofatação  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 31 - Poda primária  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 32 - Corte de ervas  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 33 - Sofatação  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 34 - Montagem de sistema de rega  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 35 - Poda secundária  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 36 - Sofatação  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 37 - Poda verde  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 38 - Vindima  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 39 - Transporte  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 40- Recepção  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 41 - Desengace  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 42  
Fonte: Artur Pastor

FIGURA 43- Ruina da casa de lavoura  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 44 - Solar de Calvos  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 45- Calvos  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 46- Ortofotomapa  
Fonte: Fotomontagem do autor

FIGURA 47 - Calvos 1959  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 48 - Calvos 2013  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 49 - Calvos 2014  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 50- Calvos 2016  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 51 - Calvos 2017  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 52- Ruínas  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 53- Vista 1  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 54- Vista 2  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 55- Vista3  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 56- Vista 4  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 57- Vista 5  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 58- Vista 6  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 59- Vista 7  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 60- Vista 8  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 61- Vista 9  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 62- Vista 10  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 63- Vista 11  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 64- Vista 13  
Fonte:Fotografia do autor

FIGURA 65- Vista 14  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 66- Vista 12  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 67- Vista 15  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 68- Vista 17  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 69- Vista 16  
Fonte: Fotografia do autor

FIGURA 70- High Line  
Fonte: Iwan Baan

FIGURA 71 - Ortofotomapa do lugar  
Fonte: Fotomontagem do autor

FIGURA 72- O lugar  
Fonte: Fotomontagem do autor

FIGURA 73- Hortus conclusus  
Fonte:

FIGURA 74- Casa estúdio  
Fonte: Barragan Foundation

FIGURA 75- Praça do deserto  
Fonte: Eduardo Arroyo

FIGURA 76- Axonometria  
Fonte: Fotomontagem do autor

FIGURA 77- Casa E/C  
Fonte: Sami Arquitectos

FIGURA 78- Casa-estúdio  
Fonte: Barragan Foudation

FIGURA 79- Fondazione Prada  
Fonte: Bas Princier

FIGURA 80  
Fonte: Artur Pastor